



ALAN LÔBO DE SOUZA

ESTEREÓTIPOS EM PIADAS SOBRE BAIANO

**CAMPINAS,
2013**



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ALAN LÔBO DE SOUZA

ESTEREÓTIPOS EM PIADAS SOBRE BAIANO

Orientador: Prof. Dr. Sírio Possenti

Dissertação de mestrado apresentada ao
instituto de estudos da linguagem da
universidade estadual de campinas para
obtenção do título de mestre em Linguística.

Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

CAMPINAS,
2013

04/06/2013
Sírio Possenti

Prof. Dr. FABIO AKCEL RUD DURÃO
Coordenador Geral de Pós-Graduação
IEL / UNICAMP
Matr.: 29048-6

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

So89e

Souza, Alan Lôbo de, 1984-
Estereótipos em piadas sobre baiano / Alan Lobo de Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador : Sirio Possenti.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Estereótipos (Psicologia Social) na literatura. 3. Humorismo. I. Possenti, Sírio, 1947- . II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Stereotypes in jokes about baiano.

Palavras-chave em inglês:

Discourse Analysis

Stereotypes (Social psychology) in literature

Humor

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora:

Sirio Possenti [Orientador]

Emilio Gozze Pagotto

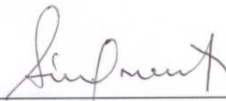
Ana Cristina Carmelino

Data da defesa: 12-04-2013.

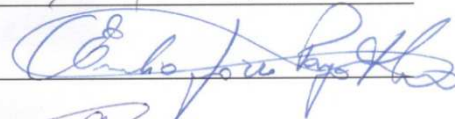
Programa de Pós-Graduação: Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

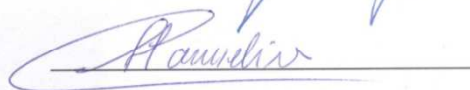
Sirio Possenti



Emilio Gozze Pagotto



Ana Cristina Carmelino



Suzy Maria Lagazzi

Ana Raquel Motta de Souza

IEL/UNICAMP
2013

Para (Dona) Nilmacy, minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Sírio pela constante atenção e dedicação nas leituras do texto, pela confiança e, sobretudo, pelo modo enriquecedor com que me auxiliou no meu amadurecimento como pesquisador.

À Profª. Suzy Lagazzi e ao Prof. Emílio Pagotto pela presença na qualificação, bem como pelas leituras e valiosas considerações feitas a esta pesquisa.

Aos “companheiros de aventura (não apenas) teórica” (!), Rogério e Fábio, pelas discussões e indicações de leitura e, sobretudo, pela convivência, incontáveis momentos de diversão (fuga?) e auxílio nos momentos pitorescos que parecem ser comuns àqueles que estão distantes de “casa”.

A minha mãe, por me (re)lembrar a manter os pés no chão e o sorriso no rosto, pela força e pela fé.

A minha irmã, Myla, pela “presença à distância” e pelos risos que ecoam em meio a algumas novidades de casa: fatores encorajadores durante a minha caminhada.

A todos queridos amigos que, apesar de distantes, participaram, cada um a seu modo, desta caminhada, meu sincero agradecimento e pedido de desculpa pela minha ausência.

Finalmente, agradeço à FAPESP e ao CNPQ que, em diferentes momentos, permitiram o desenvolvimento dessa pesquisa.

O riso é a menor distância entre duas pessoas.

(Victor Hugo)

Vamos parar com essa mania de dizer que baiano é preguiçoso.

Ele sabe muito bem o que quer: nada.

(Luís Pimentel)

RESUMO

A noção de estereótipo resume, em diferentes perspectivas teóricas, a caracterização de uma *idée reçue*, um lugar-comum, representações cristalizadas na sociedade, no imaginário coletivo. Tratando-se de piadas, este espaço simbólico de significações necessita ser abordado de maneira minuciosa, de modo que seja possível descrever o funcionamento discursivo envolvido na construção de determinadas representações em uma piada, isto é, não podemos desprezar as determinações sócio-históricas que marcam o imaginário coletivo. Uma decisão que nos impõe o seguinte questionamento: quais as condições históricas de produção que possibilitam que determinado grupo seja o objeto do riso a partir de determinados estereótipos (e não outros)? Neste trabalho, voltaremos a atenção para um conjunto de piadas sobre baiano selecionadas, em grande parte, de *sites* da *internet*, ou mesmo de livros que trabalhem com o humor, como a obra de Pimentel (2009). Em outras palavras, propomos investigar as ligações que determinadas representações estereotípicas associadas ao baiano mantêm com a História. Ao adotar a perspectiva de Maingueneau (2008a, 2008b), que sublinha o primado do interdiscurso sobre o discurso, o objeto desta pesquisa não se limita ao discurso humorístico, mas ao conjunto de discursos que são manifestados no ato do funcionamento discursivo do humor em piadas sobre baianos. O objetivo central deste trabalho é analisar o modo como esses textos se relacionam e se mantêm, estabelecendo representações frequentemente encaradas como verdades correntes.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Estereótipos; Humor.

ABSTRACT

The idea of stereotype summarizes, in different theoretical perspectives, the characterization of an *idée reçue*, a commonplace, consolidated representations in the society, in collective imaginary. When dealing about jokes, this symbolical space of meanings needs to be approached thoroughly, so that be possible to describe the discursive functioning involved in the construction of certain representations in a joke, that means, we can't despise socio historical determinations that defines the collective imaginary. A decision that imposes the following question: what are the historical conditions of production that enables that a specific group be a object of laughter from specific stereotypes (and not others)? In this work we will turn attention to a group of jokes about *baiano* selected, largely, in sites from internet or even in humor books like Pimentel (2009). In other words, we propose to investigate the connections that determined stereotypes representations associated to *baiano* keep on History. When adopted Maingueneau's perspective (2008a, 2008b), that emphasizes the primacy of a interdiscourse about speech, the aim of this search is not limited to the humorous discourse, but to the group of discourses expressed in the act of discursive functioning of humor in jokes about *baianos*. The main objective of this work is to analyze the way how these texts are related and still often establishing representations seen like current truth.

Key-words: Discourse Analysis; Stereotypes; Humor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - A CONSTITUIÇÃO DE UM CORPUS HISTORICAMENTE RELEVANTE.....	23
1.1 A INVENÇÃO DA PREGUIÇA E OUTROS ESTEREÓTIPOS.....	29
1.2 A PROPÓSITO DA RELAÇÃO TRABALHO/PREGUIÇA.....	37
1.3 ESTEREÓTIPOS ATRAVESSADOS.....	42
1.3.1 Marcha lenta.....	51
1.3.2 Ignorância, esperteza... transgressão (?).....	53
1.3.3 Piada de paulista ou piada de resistência?	58
1.3.4 O caso do intruso.....	59
CAPÍTULO II – ESPAÇOS HISTÓRICOS FORMADORES.....	63
2.1 A (IR)REGULARIDADE DOS OBJETOS SIMBÓLICOS.....	67
2.2 BAIANIDADE À VISTA!	71
CAPÍTULO III – O RISO, O HUMOR E O “POLÍTICO”.....	77
3.1 (DISCURSOS SOBRE) O RISO	77
3.2 UM CASO DE INTERINCOMPREENSÃO.....	82
3.3 (POLÍTICA DO/NO) HUMOR E (POLÍTICA DO) LIMITE.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

“Piadas podem ser breves, mas nunca são fáceis. Se as entendemos, isso não é uma prova de que são fáceis, mas sim de que damos conta de coisas (pelo menos de textos) relativamente complexas.”

(Sírío Possenti, em “Estereótipos e identidade: o caso nas piadas”)

Quando nos propomos a analisar piadas, notamos que elas apresentam questões históricas ofuscadas, apesar de nem sempre serem essenciais para o seu funcionamento. Porém, isso não impede de nos confrontarmos com detalhes mais complexos, como o sublinhado por Possenti no início desta seção. Com efeito, estudar piadas difere do ato de contá-las (ou ouvi-las): neste último caso, não há a necessidade de problematizá-las ou investigar as condições históricas responsáveis pelo seu funcionamento. Até então há apenas a necessidade do entendimento dos processos de produção do humor; isto é, é parte fundamental da leitura de uma piada a percepção, por parte do ouvinte/leitor, das estratégias utilizadas na elaboração da piada (afinal, não é qualquer sentido que faz sentido). Acrescentamos a isso o fato de que as piadas provavelmente não funcionariam sem a questão da estereotipia (cf. POSSENTI, 2004) e, por conseguinte, levantam discussões em torno da existência do preconceito e de limites para o humor. Por isso, apesar de dividirmos o trabalho em três capítulos, estas três considerações (o funcionamento do humor, a relação com o estereótipo e a polêmica em torno da suposta existência do preconceito e de limites) irão atravessar as análises, sem um necessário fechamento temático em cada capítulo. Em outras palavras, tanto os aspectos teóricos sobre o humor quanto as bases teóricas da Análise do Discurso, por exemplo, serão mobilizados em função daquilo que o *corpus* nos apresenta, não sendo trabalhados separadamente em cada capítulo.

No primeiro capítulo, partiremos do seguinte questionamento: o que se diz sobre o baiano nas piadas sobre baiano? Dito de outra maneira, qual(is) o(s) estereótipo(s) que determina(m) o funcionamento do discurso humorístico nessas piadas, bem como o que faz com que sejam centro de discussões (por vezes reacionárias) uma vez que se trata de textos humorísticos? Por isso, no terceiro capítulo, decidimos apresentar uma discussão mais detida a respeito das características e

embates em torno do humor – retomaremos este ponto logo mais abaixo. Interessa-nos, porém, no primeiro capítulo, explorar o nosso objeto empírico de análise, as piadas, com o objetivo central de analisar os discursos que as atravessam e determinam o seu funcionamento. Por outro lado, utilizaremos constantemente textos “não- humorísticos” que apresentem uma relação interdiscursiva com os discursos explorados nas piadas, uma vez que observamos que as representações do baiano exploradas nas piadas também estão presentes em outros textos. Portanto, interessa-nos abordar as peculiaridades constitutivas do gênero piada não isoladamente, mas na medida em que essas características explicam o funcionamento do humor, sobretudo em relação aos efeitos de sentido possibilitados pela estereotipia. Para isso contribuirão decisivamente algumas teses propostas por teóricos que se dedicaram à questão do humor em diferentes campos de estudo e em diferentes momentos históricos, na medida em que nos permitem investigar o funcionamento do humor, seus efeitos de sentido, em uma relação de proximidade com a suposta questão do preconceito.

No segundo capítulo, abordaremos algumas teses em relação às possíveis condições históricas de produção determinantes para o funcionamento dos estereótipos sobre o baiano explorados nas piadas. Partiremos da seguinte pergunta presente ao fim do primeiro capítulo: quais as condições históricas de produção que possibilitam que determinado grupo seja o objeto do riso a partir de diferentes estereótipos? Interessa-nos investigar as bases constitutivas do discurso sobre o baiano (sobre a Bahia, a “invenção da baianidade”...), o modo como cada estereótipo é formulado, de modo a compreender o modo como essas representações se inscrevem nas piadas, estreitando a relação da linguagem com a História. Há aqui não apenas um capítulo destinado a investigar o imaginário social, mas também a defender que esse imaginário é também base da contradição da relação trabalho/preguiça tão explorada nas piadas – e que são observadas sumariamente no decorrer do primeiro capítulo. Nas piadas, significamos e sustentamos representações estereotípicas fundamentais para o seu funcionamento. Porém, até que ponto um mesmo estereótipo apresenta (ou não) diferentes determinações históricas? Isto é, por exemplo, o baiano representado como preguiçoso em uma piada tem associação com um mesmo domínio histórico de representação do baiano que é arremessado do vagão de um trem em outra piada (ver a seção 1.3.4)?

Por fim, sublinhamos que este trabalho tem como nó central a defesa de que o funcionamento ideológico envolvido em textos humorísticos é determinante para a compreensão das frequentes aproximações realizadas entre humor e preconceito. Afinal, que efeitos de sentido seriam esses supostamente capazes de aproximá-los? Dito de outra maneira, o que faz com que um texto humorístico seja lido como uma forma de preconceito? Esse questionamento atravessa nossa análise e, por isso, optamos por retomar essa questão ao fim da análise, no terceiro capítulo (não como um apêndice), para que detenhamo-nos na maneira como os diferentes modos de significação do humor em diferentes paradigmas sociais e, sobretudo, na atualidade, tem se reatualizado e tem proposto diferentes posicionamentos ao longo da história, ou não. Interessamo-nos analisar as particularidades que compõem as condições de produção do discurso do próprio humor, bem como observar este funcionamento associado à polêmica representação do baiano fora do campo do humor. Para tanto, analisamos a repercussão do enunciado da cantora Gal Costa em que ela afirma que os baianos são preguiçosos (ver seção 3.2). A motivação desse capítulo parte da seguinte reflexão: poucas vezes questionamos as bases de um estereótipo. E, ao analisar as piadas sobre baianos, não nos permitimos deixar de lado esse questionamento.

Com efeito, as estreitas ligações entre as piadas sobre baiano e os discursos reacionários em relação a um suposto preconceito contra os baianos serão organizadas pela estereotipia. A nossa análise, por sua vez, sublinha o domínio do interdiscurso sobre o discurso como propõe Maingueneau (2008a, 2008b), isto é, propõe uma análise centrada na abordagem do atravessamento de outros discursos como base de funcionamento e determinação de um discurso central. Em outras palavras, pretendemos investigar o funcionamento discursivo a partir daquilo que está aparentemente ofuscado, apagado, mas que é também determinante para o *efeito humorístico*, e que tem início no (aparente) final de uma piada.

CAPÍTULO I - A CONSTITUIÇÃO DE UM *CORPUS* HISTORICAMENTE RELEVANTE

“Uma piada é uma forma de miniarte verbal destinada a provocar o riso. É originalmente oral, contada a um grupo fechado, por isso em prosa, tratando das contingências e tensões da vida comum. É uma narrativa breve de alguma adversidade curiosa, incongruência ou réplica Inteligente, personificando e atraindo um grupo de pessoas de gostos parecidos. Integra, portanto, a cultura mais geral do humor em uma sociedade e é, até certo ponto, um indicador do que nela se entende como engraçado. O conhecimento relativo a tais piadas, especialmente por existirem em coleções, classificadas de forma semelhante (os livros de piadas) é algo considerável, embora negligenciado na história da literatura e da cultura.

(Derek Brewer, em “Livros de piada em prosa predominantes na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII”)

Maingueneau (2010, 2011) defende que o texto é “um rastro de um discurso no qual a fala é encenada”, ou seja, é através do desdobramento de uma enunciação que é possível compreender seus efeitos de sentido. Talvez seja justo dizer que nos interessa o que Maingueneau (2011, p. 87) define como “**quadro cênico** do texto”, na medida em que “é ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido” (ibid.). Dito de outra maneira, é imperioso analisar as peculiaridades da enunciação, uma vez que são determinantes para o funcionamento do humor. No caso das piadas, interessa-nos observar as seguintes cenas propostas pelo autor: (i) a *cena englobante* (ibid.), isto é, o tipo de discurso que veicula; (ii) a *cena genérica* (ibid.), ou seja, o gênero de discurso envolvido na cena enunciativa; e (iii) a *cenografia* (ibid.) que é uma construção elaborada pelo próprio texto e susceptível de variações. Observada a piada abaixo,

(1) *Baianoterapia*

Dois baianos estirados nas redes estendidas na sala:

- Oxente, será que tá chovendo?

- Sei não, meu rei...

- *Vai lá fora e dá uma olhada.*
- *Vai você...*
- *Vou não, tô cansado...*
- *Então, chame nosso cão.*
- *Oxente, chame você...*
- *Ô Fernando Afonso!*
- O cachorro entra na sala, para e deita de costas para os dois.*
- *E então, meu rei, ta chovendo?*
- *Tá não... O cão ta seco!!!*

(PIMENTEL, 2009, p.39¹)

veremos que a cena englobante e a cena genérica operam com uma realização estável em nosso *corpus*: respectivamente, o *discurso humorístico* e a *piada*. Este último, aqui sumariamente caracterizado por alguns traços comuns como a brevidade, o final inesperado, o uso de temas controversos etc². Por outro lado, não se pode dizer que há uma realização estável em relação à cenografia, na medida em que cada piada apresentará diferentes “quadros cênicos”. Nessa piada, por exemplo, observamos um casal de baianos deitado na rede, desenvolvendo um diálogo em torno da possibilidade de estar chovendo, e, por estar com preguiça de ir até a rua para verificar, utilizam uma estratégia do “menor esforço” ao chamar o cachorro e verificar se ele está molhado ou não. O papel da cenografia é fundamental para a compreensão do efeito humorístico na medida em que a cena enunciativa, isto é, a representação estereotípica explorada na piada em torno da figura do baiano, organiza um desdobramento sócio-histórico determinante para o funcionamento da piada. Dessa forma, é possível dizer que analisar os discursos que fundamentam esses estereótipos – mesmo que não imponham um necessário reconhecimento (ou não sejam acessíveis) por parte do leitor das piadas – são determinantes para o funcionamento do humor nas piadas e, por isso, de fundamental importância para a análise. Mas o que caracteriza o funcionamento do humor?

¹Grande parte das piadas analisadas é retirada do livro de piadas de Pimentel (2009), apesar de que essas mesmas piadas poderem ser facilmente encontradas na internet, sobretudo em sites de humor. Contudo, apresentaremos algumas piadas retiradas de diferentes sites, de modo que o leitor tenha acesso a diferentes fontes de circulação desse material.

²Mais adiante retomaremos com maior atenção a caracterização de uma piada ao trabalhar com as teses de Freud (2006 [1905]) e Raskin (1985).

Como observa Pirandello (1908), a palavra “humor” foi considerada um signo ou causa de uma doença durante a antiguidade. Pirandello acrescenta que o humor apresentava quatro designações: o sangue, a fleuma, a cólera e a melancolia. Para o autor, estes sentidos serão mantidos, porém a palavra “humor” apresentará também um sentido espiritual:

Assume-se um significado espiritual, exprime inclinação, natureza, disposição ou estado passageiro de espírito, ou ainda fantasia, pensamento, capricho, mas sem uma qualidade determinada; tanto é verdade que devemos falar em humor triste, alegre, sombrio, bom, mal ou belo humor, etc. (PIRANDELLO, 1996 [1908], p. 20)

Interessa-nos aqui observar que, diante de um “sentido espiritual”, estará o desdobramento das predicções do humor (p.ex., bom humor, mau humor etc.) tão comuns atualmente no discurso do politicamente correto³ (doravante PC) no campo do humor, na opinião (e no imaginário) pública(o). Essas designações tornaram-se muito presentes nas últimas décadas, no Brasil, na medida em que o humor tem se apresentado como um campo de recorrentes debates no espaço público e, sobretudo, jurídico⁴. O humor, portanto, não escapa à ciência.

Talvez seja justo dizer que Pirandello (1908) não se limitou a uma investigação mais detida no termo “humor(ismo)”. Apesar de propor uma investigação com o objetivo de questionar o modo como a qualificação do humor foi se desdobrando desde a antiguidade, e questionar se é possível determinar o seu alcance no início do século XX, Pirandello centra sua análise na possibilidade de distinguir dois tipos de humor: o clássico e o moderno. Tudo isso se desdobra em uma análise do humorismo a partir da “representação do humor”, na medida em que Pirandello dedica-se à arte humorística. E conclui que o humorismo consistirá no sentimento do contrário determinado pela reflexão. Em outras palavras, o humorismo, segundo Pirandello, caracteriza-se por gerar um momento de reflexão que faz com que procuremos entender as razões pelas quais apresentamos o nosso sentimento de superioridade. É o que sintetiza Saliba (2002):

³Uma questão que retomaremos com maior atenção no capítulo 3.

⁴ Apesar de não nos interessarmos pela discussão do que vem (ou não) a ser humor (e humorista), não é difícil encontrar em noticiários dos jornais alguns processos jurídicos apresentados contra determinados humoristas (mais precisamente, seus enunciados) em relação a piadas designadas como politicamente incorretas que, para a opinião pública, extrapolariam os limites do humor – uma questão que retomaremos também no capítulo 3.

O ensaio de Pirandello se desdobra no intuito de revelar as possibilidades cognitivas do humor: tudo aquilo que nos é familiar é colocado num contexto desconhecido ou estranho, o senso comum é rompido, o inesperado é evocado – e o humor se transforma numa estratégia de desfamiliarização. (...) Neste caso, Pirandello, mais do que Bergson ou Freud, pensava no espetáculo, visando tornar o público – ou os leitores – mais consciente de suas próprias premissas, diferenças ou preconceitos culturais. (SALIBA, 2002, p. 25-26)

Segundo Pirandello, o humor se realiza pelo processo de desfamiliarização, do estranhamento, da ruptura. Assim, será através do estranhamento que o inesperado ganha corpo e, por conseguinte, estabelece-se o humorismo. Interessa-nos, porém, a discussão em torno do humor e, sobretudo o fato de que a problemática do humor trabalhada por Pirandello está centrada no homem, o que veremos que não será defendido por outros estudiosos.

Em um dos textos mais reconhecidos sobre a teoria sobre o riso (através do efeito cômico), Bergson (1899) afirma: “Essa deve ser a função do riso. Sempre um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social” (ibid., p. 101). Em seus ensaios sobre a significação do riso através do cômico, o filósofo centra sua investigação na sociedade, não no homem. Com efeito, trata-se do ponto-chave de seus ensaios sobre o riso – e o ponto central de nossa análise. No entanto, há outros pontos centrais de sua tese que merecem ser sublinhados: (i) “Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano” (ibid., p. 2); (ii) a insensibilidade acompanha o riso: “O riso não tem maior inimigo que a emoção” (ibid., p. 3); e a que nos chama mais a atenção, (iii) “O riso precisa de eco” (ibid., p. 4): o riso só se realiza quando compartilhado socialmente, uma vez que, segundo o filósofo, “O riso deve ter uma significação social” (ibid., p.17) e acrescenta:

“[o riso] é algo que gostaria de prolongar-se repercutindo de um ponto ao outro (...) E no entanto essa repercussão não deve ir ao infinito. Ela pode caminhar no interior de um círculo tão amplo quanto se queira; nem por isso o círculo deixa de ser fechado. **Nosso riso é sempre o riso de um grupo.**” (BERGSON, 2007 [1899], p. 4-5, grifos nossos)

Diante das afirmações de Bergson, destacamos a palavra “grupo”. Um posicionamento também encontrado em Brewer (2000):

A natureza de uma piada é promover o humor e a harmonia do **grupo** que compartilha dela e seus pressupostos implícitos (...) Quase todas as piadas tradicionais, por mais curtas que sejam, caçoam de uma vítima que é ou passa a ser um estranho. (...) Embora não necessariamente, o estranho pode ser um superior, ou a encarnação da moral convencional em vez da real. (ibid., p. 133-134, grifo nosso)

Dito de outro modo, o que é risível limitar-se-ia a funcionar e circular por determinados grupos (e não outros). Uma teoria que não encontraria “eco”, por exemplo, no caso das piadas sobre judeus: estas são, em sua grande maioria, contadas e difundidas entre os próprios judeus, o objeto do riso. Por outro lado, retomando o posicionamento de Bergson, é importante observar que a tese do filósofo – i.e., a função do riso é ser sempre um pouco humilhante para quem é o seu objeto – abre espaço para um questionamento preliminar: seria essa a condição de possibilidade para que as piadas sobre baiano circulem?

Um questionamento que sublinha a necessidade de recorrermos à história, à ideologia, ao que é humano, ao que construiu e mantém estereótipos determinantes do riso (e do preconceito). Além de pôr em jogo o motivo que leva a determinados estereótipos a serem explorados e determinantes para o funcionamento do humor.

As teses de Bergson interessam pelo seu caráter teórico e, sobretudo, empírico, uma vez que possibilitam situar nosso objeto de análise, o discurso humorístico, em seu contexto inseparável que é a sociedade, o que subsidia a análise a partir da alusão à ideologia e historicidade comumente depreendidas pela remissão a outros discursos que sustentam e compõem os estereótipos.

Já Freud (1905) faz uma breve avaliação sobre as diversas tentativas de teorizar o humor, sobretudo a partir de algumas contribuições de Theodor Lipps em que este caracteriza os chistes⁵ pela sua brevidade: “Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas *demais...*” (LIPPS *apud* FREUD, 1905, p. 21). Porém, Freud direciona sua análise dos chistes a partir de dois pontos centrais: o primeiro, o modo como eles se constroem, propondo uma teoria sobre a técnica dos chistes, sobretudo a sua técnica verbal; já o segundo refere-se à análise das motivações sociais dos chistes. Ambos os pontos são fundamentais para a análise das piadas.

⁵A palavra “chiste” é utilizada por Freud (1905) para designar um texto chistoso, sendo, pois, mantida ao longo das referências ao seu trabalho. Contudo, mais adiante, retomaremos (e privilegiaremos) a designação “piada”.

Descrevendo os diversos processos linguísticos (métodos técnicos) de *condensação*, *deslocamento*, *representação indireta* etc., e quase sempre se utilizando do processo de substituição ou redução do chiste acompanhado da *inferência*, Freud (1905) estuda os chistes através da proposição de uma técnica que explique tanto o riso quanto os mecanismos verbais responsáveis pela construção do humor.

Assim, consideramos a seguinte classificação dos chistes proposta pelo autor: (i) segundo sua técnica – “chistes verbais” ou “chistes conceptuais”; (ii) segundo o seu propósito – “chistes hostis” ou “chistes obscenos”. Apesar de o autor sublinhar o fato de que a técnica dos chistes não necessariamente se relaciona com os propósitos que os movem, tal divisão interessa-nos na medida em que privilegiaremos os *chistes verbais* (aqueles movidos por mecanismos linguísticos de promoção do humor – a técnica) que, por sua vez, expõem os propósitos que caracterizam as piadas sobre baiano como *chistes hostis* (vinculados, entre outras coisas, à sátira e à agressividade).

É nesse ponto de encontro, na aproximação dos fatores linguísticos e discursivos, que fixamos nosso objetivo de análise, de modo a justificar o seu uso pelas próprias palavras de Freud (1905) acerca dos chistes hostis:

Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não despendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso (ibid., p.103).

Parece-nos que os chistes com um propósito hostil correspondem à melhor classificação para as piadas sobre baiano, na medida em que, apesar da existência de obstáculos que poderiam limitar ou mesmo impedir a exploração do estereótipo acerca da “baianidade”, o riso e o humor depreendidos dessas piadas revelam um ponto de encontro – e que merecerá a devida atenção nesta pesquisa – com as teses propostas pelo autor:

Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho; ainda uma vez, *o chiste evitará as restrições e abrirá fontes de prazer que se tinham tornado inacessíveis* [grifo do autor]. Ele ademais subornará o ouvinte com sua produção de prazer, fazendo com que ele se alinhe conosco sem uma investigação mais detida. (ibid., p. 103).

Assim, as piadas sobre a representação do baiano a partir de estereótipos aparentam opor o “discurso humorístico” a outros discursos historicamente marcados pelo preconceito em que se articulam estereótipos sobre a figura do baiano, como veremos em breve. Discursos esses que aparentemente não encontram barreiras ao funcionamento do humor – diferentemente, por exemplo, das piadas que tematizam o negro: o discurso reacionário encontra uma barreira que o impede de circular da mesma forma que as piadas sobre baiano, negros etc.

Isto posto, talvez seja justo dizer que será a partir das teorias de Bergson (1899) – o deslocamento que centra a significação do riso no social – e Freud (1905) – a técnica e o propósito dos “chistes” – que procuramos analisar a contradição constitutiva das piadas, ou seja, o modo como elas são determinadas, entre outras coisas, pelo caráter humano do riso (sua significação social), bem como pelo modo como a presença dos estereótipos são determinantes para o funcionamento do humor. Sublinhamos, até aqui, algumas características das piadas que funcionam como condição de possibilidade dos efeitos de sentido que provocam. Porém, falta-nos abordar a base dos estereótipos presentes nas piadas sobre baianos, as determinações históricas do seu funcionamento.

1.1 A INVENÇÃO DA PREGUIÇA E OUTROS ESTEREÓTIPOS

A questão da preguiça, genericamente vista como uma característica típica do baiano, não raramente é evocada nas piadas sobre baianos – o que parece óbvio afirmar. Ao remeter aos discursos históricos, vê-se que o baiano é visto como um indivíduo acolhedor, que gosta de rede e axé, cultua o candomblé, come acarajé, adora ir à praia e, a partir da alusão às figuras de alguns representantes baianos, sobretudo da música e da literatura, apresenta um jeito manso, peculiar de falar. Tais peculiaridades, comumente reafirmadas em programas humorísticos, são representadas – como veremos – de forma simplificada a partir do estereótipo da preguiça, do baiano preguiçoso. Uma redução que concentrará significados históricos que implicam a construção e

reafirmação de um imaginário coletivo. É o que defende Saliba (2002) ao comentar o funcionamento do estereótipo em anedotas.

O estereótipo é uma espécie de *prêt-à-porter* do humorismo, que, por sua vez, se alimenta desta sua intrínseca vocação de juntar fragmentos do passado e concentrá-los naquele instante rápido e fugidivo de uma anedota. (SALIBA, 2002, p. 16)

Parece-nos que esta redução constitui a representação mais comum sobre a figura do baiano em piadas. Assim como o mineiro esperto, o gaúcho veado, o judeu sovina etc.

Vejamos a seguinte piada:

(2) *Casal de baianos na cama, jogando conversa fora, quando a mulher diz para o marido, bocejando:*

– *Oi, meu rei, eu vou dormir, visse?*

E ele, lentamente:

– *Jura, minha preta?! Logo agora, que eu pretendia abusar de você.*

A baianinha se reanima:

– *Ah, é? Oxente, então abusa. Vai, abusa.*

– *Eu posso?*

– *Pode!*

– *Então vai lá na cozinha, pega uma cerveja e uns tira-gostos de carne do sol.*

(PIMENTEL, 2009, p.07)

No que tange à técnica verbal articulada nesse chiste, não há dificuldade em perceber o *contraste de ideias* (FREUD, 1995) que a palavra “abuso” (em seus diferentes empregos) significa: de um lado, a forma de aproveitar a “oportunidade ímpar”, de obter vantagem; em contraposição a esta concepção, a compreensão de sua companheira, que vê no mesmo termo – “abuso” – uma conotação sexual. Raskin (1985) caracterizará esse mecanismo linguístico de articulação do humor a partir da existência de dois *scripts*⁶, que, nesta piada se opõem: o *script* sexual (o uso da palavra abuso conotando um traço que tematiza o próprio ato sexual) e o *script*

⁶Mais adiante nos deteremos mais detalhadamente na exposição da teoria de Raskin (1985).

não-sexual, em que há a temática da preguiça. Por sua vez, a frase final da piada representará o *gatilho* (neste caso, representado pela ambiguidade) que impõe a passagem de um *script* a outro e que, por conseguinte, determinará o efeito humorístico do chiste.

Na piada, o *gatilho* corresponde ao enunciado “Então vai lá na cozinha, pega uma cerveja e uns tira-gostos de carne do sol”, momento em que a ambiguidade entre os dois *scripts* é compreendida. Assim, a oposição entre os dois *scripts* sexual/não-sexual ou mesmo esperado/inesperado corresponde ao mecanismo linguístico de articulação do humor de maior relevância nesse chiste.

Por outro lado, a construção de estereótipos expõe um ponto crucial para a sua compreensão: a possibilidade de os traços caracterizadores do baiano nas piadas constituírem talvez um *simulacro*. É o que Possenti (2004) aponta no caso das piadas machistas:

Uma das características das piadas é que elas opõem dois discursos, que podem ser caracterizados como positivo / negativo (e que se especifica, por exemplo, em "macho / veado", "bobo, caipira /esperto") etc. Assim, considerando-se a hipótese deste trabalho, as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereotipo básico, assumido pelo próprio grupo (um traço de identidade?), o estereotipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como "macho" (valente etc.), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível, considerado um certo quadro cultural. Assim, embora o traço "macheza / masculinidade" possa implicar características não ligadas necessariamente ao desempenho sexual (como valentia, ombridade etc.), o estereotipo oposto com o qual a piada opera selecionará o traço "sexualidade". E neste sentido que se pode dizer que o estereotipo talvez seja um simulacro. (POSSENTI, 2004, p.159)

A representação da baianidade é talvez um exemplo do processo de materialização discursiva a partir de certos traços (+esperto/+preguiçoso). Logo, tendo em vista que os estereótipos atribuídos ao baiano – a sua preferência pelas festas populares, a valorização do descanso e, por conseguinte, a desvalorização do trabalho – pode-se dizer que as piadas sobre baiano fomentam a criação de um simulacro que coloca lado a lado (não necessariamente opõe, nesse primeiro momento) o traço [+esperto] e o traço [+preguiçoso].

A oposição – e por, sua vez, o simulacro – encontrar-se-ia, em um segundo momento: no fato de que tais traços se opõem aos traços [+ignorante] e [+trabalhador], respectivamente – ambos não presentes na piada (2). Este último é relacionado aos discursos históricos que apontam o baiano como um dos responsáveis pela maior taxa de migração em busca de trabalho, enquanto

que o primeiro se relaciona a uma característica depreciativa também explorada na representação da figura do baiano, a ignorância (aqui representando uma parcela da população rural que parte em busca de trabalho nos grandes centros urbanos fora do território baiano). Há, assim, nesse segundo momento, o simulacro, a partir da oposição de dois traços de distintas configurações – [+esperto/+ignorante] e [+preguiçoso/+trabalhador] –, contudo, há também a possibilidade de o leitor da piada interpretar que há apenas a utilização do tema da preguiça.

Lembramo-nos, também da afirmação de Bergson (1899, p. 103): “é preciso confessar – embora custe um pouco a dizer – que não rimos apenas dos defeitos de nossos semelhantes, mas também, às vezes, de suas qualidades”. Afinal, a preguiça baiana será também explorada como um ponto positivo, como veremos adiante.

Com efeito, o estereótipo da preguiça é o mais comum em piadas sobre baiano. Porém, veremos que não é o único. Por agora, entretanto, o importante é avaliarmos o seguinte questionamento: em que medida a estereotipia se relaciona com a Análise do Discurso (doravante AD)?

Em um capítulo destinado à discussão das relações que a AD mantém com a noção de estereótipo, Amossy & Herschberg Pierrot (2001), apesar de sublinhar que alguns pressupostos teóricos da AD se relacionam com a estereotipia, afirmam que a escola francesa pouco se interessou pela noção de estereótipo. Por outro lado, as autoras afirmam que foram vários os estudos dedicados à reflexão sobre a estereotipia, centrados, sobretudo, no discurso político, o interesse central da escola francesa nas duas primeiras décadas: “En un primer momento, La Escuela francesa de análisis del discurso que se desarrolló en torno de M. Pêcheux, propuso una serie de estudios que fecundan la reflexión sobre la estereotipia” (AMOSSY & HERSCHBERG PIERROT, 2001, p. 113).

As autoras destacam a noção de *pré-construído*, o modo como as construções sintáticas são atravessadas por construções anteriores, um elemento prévio da ordem do discurso, o que caracterizaria a relação entre a Língua e o que lhe é exterior. Uma relação que, em alguns casos, estaria associada ao funcionamento da estereotipia.

Partiremos, contudo, da seguinte afirmação: “La retórica y el análisis del discurso, por su parte, ven en los estereotipos los esquemas implícitos o las evidencias compartidas que subyacen a una palabra situada”. (AMOSSY & HERSCHBERG PIERROT, 2001, p. 123). Nessa

perspectiva, o fenômeno da estereotipia é apresentado pela relação central que mantém com o implícito, em que o efeito de sentido estaria associado a “evidências subjacentes”. É, pois, o que a AD caracteriza como a relação do materialismo histórico com a língua. É aqui que o estereótipo ganha “corpo”, as significações são determinadas, particulares.

As autoras observam que a palavra “estereótipo” é introduzida por Walter Lippman na obra *Opinião Pública* de 1922 e, ao longo dos anos, será redefinida por diferentes disciplinas (psicologia social, ciências sociais, literatura etc.), como resumem Amossy & Pierrot:

Las ciencias sociales estudian al estereotipo en términos de representación y de creencias colectivas. Los estudios literarios, por su parte, toman en cuenta la dimensión estética, tanto como la social, de las figuras y los esquemas cristalizados. En cuanto a las ciencias del lenguaje, hacen de los estereotipos y los *topoi* elementos de construcción del sentido. (AMOSSY & HERSCHBERG PIERROT, 2001, p. 123)

A noção de estereótipo, observadas as diferentes perspectivas teóricas, resume a caracterização de uma *idée reçue*, um lugar-comum, imagens cristalizadas na sociedade, no imaginário coletivo. Para a AD, por outro lado, agregam-se a essas definições a defesa de que as designações estereotípicas funcionariam como um referente social compartilhado, recuperado, por sua vez, pelo *interdiscurso*, pelo conjunto de opiniões, saberes e crenças formadoras de dizeres sedimentados e sem um referente histórico aparentemente declarado. Com efeito, o estereótipo, como um objeto transversal, permite estudar “la relación de los discursos con los imaginarios sociales y, en términos más amplios, la relación entre el lenguaje y la sociedad.” (AMOSSY & HERSCHBERG PIERROT, 2001, p. 11).

Nessa perspectiva, é possível compreender o fato de o baiano ser representado como lento, preguiçoso (simulacro da lentidão), avesso ao trabalho etc. Representações imaginárias que operam como “uma evidencia sin historia” (AMOSSY & HERSCHBERG PIERROT, 2001, p. 113) nos textos chistosos que circulam na internet, como esse encontrado em um site dedicado ao humor:

(3) *Tipos de Cornos*

PAULISTA: Vai fazer terapia.

CARIOCA: Encontra a mulher com outro na cama e se junta a eles!

CEARENSE: Agradece a Deus, pois vê que não é só ele que pega mulher feia.

CURITIBANO: Não faz nada, pois curitibano não fala com estranhos.

MINEIRO: Mata o homem e continua casado com a mulher, exatamente como manda a TFM - Tradicional Família Mineira.

GAÚCHO: Ao contrário do mineiro, mata a mulher e fica com o marmanjo só pra ele.

PARAIBANO: Sendo o CABRA da peste que é, mata os dois e arruma outra no dia seguinte.

GOIANO: Entra em depressão, pega a viola e vai para a rua à procura de outro corno pra montar mais uma dupla sertaneja.

PERNAMBUCANO: Pega sua fantasia e vai dançar frevo em Olinda!

BRASILIENSE: De raiva, vai para o Congresso e inventa mais um imposto.

BAIANO: Porque esse negócio de arrumar amante,

tirar a roupa, fazer sexo, ser descoberta pelo marido, etc., dá um trabaaaaaaaaaalho,

dá uma canseeeeeeira,dá um soooooooooono...

Meu pai!!!

(Disponível em: <<http://www.clickgratis.com.br/piadas/cornos/tipos-de-cornos.html>>)

Apesar de apresentarem diferentes determinações históricas que sustentam o seu funcionamento, os estereótipos atribuídos ao carioca (promíscuo), ao gaúcho (veado), ao baiano (preguiçoso) etc. mostram que a estereotipia é determinante para o funcionamento do texto humorístico. Nessa perspectiva, as estreitas ligações que determinadas representações estereotípicas mantêm com a História não se apresentam de forma imprecisa: parecem já estar lá, aparentam designar uma verdade. O modo como as relações interdiscursivas se articulam são frequentemente opacas.

Para verificar como isso ocorre em relação ao estereótipo mais comum de representação do baiano, propomos uma breve análise de um exemplo fora do campo do humor: uma entrevista concedida por um jogador de futebol que jogava no “Esporte Clube Bahia” (o time da capital

baiana) que, diante das seguintes perguntas feitas por um site de material esportivo – “Você já está se sentindo em casa em Salvador? Qual é a grande diferença em relação a SP?” – respondeu:

- (4) “É meu segundo ano na Bahia, minha família é praticamente toda da Bahia, então me adaptei muito fácil a Salvador, uma cidade maravilhosa. O Bahia me ajudou muito na volta lá de fora, de Portugal. Aqui é bem mais **tranquilo**. É uma **preguiça, né?** Não é aquela **correria** de São Paulo, onde **o mundo não para**” (Disponível em: <http://www.espbr.com/noticias/nike-publica-entrevista-meia-atacante-tricolor>, grifos nossos).

O modo como a Bahia é representada (mais precisamente a cidade de Salvador, a cidade onde o jogador morou durante sua estada na Bahia) não tem um impacto surpreendente, na medida em que é interpretado como um acontecimento ordinário, uma representação corriqueira. Afinal, não são raras as vezes que encontramos essas representações do território baiano – sobretudo em oposição às cidades do sudeste brasileiro. Contudo, se descrevermos o funcionamento das figuras antitéticas /“preguiça” vs o “mundo não para”/, /“tranquilo” vs “correria”/, pode-se compreender que “*correria*” e “*o mundo não para*” sintetizam e designam metaforicamente o trabalho. Uma caracterização não tão clara quanto “preguiça” e “tranquilo”, representações mais instituídas no imaginário coletivo. É possível sublinhar que a representação do baiano preguiçoso e moroso (uma oposição ao trecho “**o mundo não para**”) correspondem às propriedades estereotípicas presentes na fala do futebolista. Trata-se de uma associação *interdiscursiva* possibilitada pelas condições históricas que determinam a enunciação do jogador e que aqui materializa um efeito ideológico que não está livre da relação que mantém com outros discursos.

Acrescenta-se a isso a articulação de uma marca conversacional (“é uma preguiça, **né?**”) que sublinha a tentativa de adesão em torno do estereótipo, caracterizando mais uma vez um *efeito de evidência*. A exposição desses valores comuns, corriqueiros para o enunciador, são

marcas textuais que articulam o funcionamento do estereótipo mais comum associado ao baiano, “a preguiça” – um ponto aqui enfatizado exhaustivamente.

Tanto nas considerações feitas (sobre a Bahia e o povo baiano) por um jogador de futebol quanto nos textos chistosos, a preguiça é uma representação sempre presente, comum, porém veremos que co-ocorre com outras, reatualizando os estereótipos acerca do baiano em piadas. São representações construídas a partir de discursos históricos, envolvem tensões e conflitos – por vezes, contradições – que supõem determinados efeitos de sentido.

Ao operarem com estereótipos, as piadas articulam simulacros que servem de base para o humor (e.g., teríamos o estereótipo do “baiano trabalhador” opondo-se ao estereótipo do “baiano preguiçoso”; de forma análoga, o estereótipo do “gaúcho machão/viril” opondo-se ao estereótipo do “gaúcho veado”). No caso das piadas sobre baiano, para pensar o duplo gesto de articulação do simulacro sobre a imagem do baiano, seguiremos a seguinte afirmação: “(...) o baiano é preguiçoso em relação a outras identidades que são concebidas como trabalhadoras.”, como defende Zanlorenzi (1998, p. 32). É o caso da fala do ex-jogador do Bahia.

O simulacro da preguiça baiana seria, assim, uma atribuição feita pelo Outro, como propõe Possenti (2004, p. 156): “o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo social não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro”. Diante desse quadro, temos o estereótipo positivo (paulista trabalhador) em oposição ao estereótipo negativo (baiano preguiçoso) sobre o qual se constrói uma parcela das piadas sobre baiano.

Por outro lado, Zanlorenzi (1998) propõe o seguinte questionamento: “(...) se os baianos trabalham tanto – e inclusive compuseram quase metade da mão-de-obra migrante para o sudeste, nos anos 30 e 40 – como adquiriram o estigma da preguiça?” (ibid., p. 7). Talvez pela aparente banalidade, pelo caráter ordinário com que o estereótipo da preguiça é associado ao baiano⁷, a “preguiça baiana” deva ser estudada como um simulacro do baiano calmo, tranquilo, representado nas piadas pela lentidão. Porém, não há como descartar um atravessamento, uma relação que esse estereótipo estabelece como o discurso oposto, do baiano trabalhador.

⁷Aqui observamos que a representação da preguiça não pode ser atribuída a nenhum outro nordestino. O que encerra (e ao mesmo tempo constrói) os limites que, em algumas ocorrências, o modo como os baianos são representados nas piadas se confunde com a representação do nordestino que emigra para as áreas urbanas em busca de trabalho.

1.2 A PROPÓSITO DA RELAÇÃO TRABALHO/PREGUIÇA

“Salvador: cidade-sede do *trabalho*”

(*slogan* publicitário da prefeitura da cidade de Salvador do segundo semestre de 2011)

Ao observarmos a epígrafe com que iniciamos esse capítulo, é possível propor diferentes interpretações a respeito do *slogan* da prefeitura da cidade de Salvador. Assim como é possível defender apenas a ênfase da cidade como uma das cidades participantes da copa do mundo de 2014 – o que é legitimado pelo uso da palavra “sede”. Em relação a isso, pesaria o fato de os preparativos da cidade para ser uma das sedes da copa do mundo de 2014 já terem se iniciado em 2010 (a confirmação de Salvador como uma das sedes foi confirmada em 2009).

É possível também defender o fato de a cidade (nesse caso, também a prefeitura) se destacar pelo trabalho que vem desenvolvendo em relação às demais (as reformas estão adiantadas, as vitorias elogiosas feitas pelo órgão organizador etc.); dito de outra forma, quando o assunto é trabalho, é possível sublinhar a concepção de a cidade de Salvador se destacar perante as outras cidades-sede, uma vez que seria a “sede” (!) do trabalho. Ambas as interpretações justificariam a caracterização de um possível *modus operandi* da política: enfatizar o modo como o *trabalho* vem sendo feito por seus mandatários, o que, por conseguinte, implicaria um “voto de confiança” nas próximas eleições. Ademais, assim como uma das marcas mais comuns exploradas pelo *slogan* publicitário na política é a apresentação de obras, construções, inaugurações etc., é também comum explorar a reatualização de discursos históricos (e culturais) peculiares à cidade, um efeito do interdiscurso em que as condições históricas de produção são também aparentemente apagadas.

Interpretações possíveis, mas que não dão conta de todos os efeitos de sentido em torno da palavra “trabalho”, na medida em que é possível defender a relação com um atravessamento

discursivo em que os baianos mantêm com o trabalho⁸. É o que se pode ver em *slogans* explorados recentemente pela própria Prefeitura e Poder Legislativo da cidade de Salvador:

- (5) "**Trabalhando** para melhorar a vida das pessoas." (Prefeitura de Salvador, 2007)
- (6) "Aqui se **trabalha** pela cidade." (Poder Legislativo de Salvador, 2007)

No momento em que esses *slogans* foram divulgados, Salvador ainda não havia sido eleita uma das cidades-sede da próxima copa. Portanto, é possível afirmar que esses *slogans* põem em cena a relação do baiano (aqui representado pela cidade) com o trabalho – mais precisamente, a relação que o baiano mantêm com o trabalho. Uma descrição que pode parecer óbvia, salvo o fato de ser função do analista do discurso não desconsiderar a possibilidade de essa “obviedade” não ser comum a todos os leitores. Não há como desconsiderar o funcionamento *interdiscursivo* em um texto. Descrever e interpretar são tarefas que um analista do discurso deve considerar ao relacionar língua e história, como assevera Pêcheux (2006 [1988]):

A primeira exigência consiste em dar o primado dos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nessa perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar: essa concepção de descrição supõe, ao contrário, o reconhecimento de um real específico sobre o qual ele se instala: o real da língua. (PÊCHEUX, 2006 [1988], p. 50)

Pêcheux defende uma abordagem metodológica do texto (enquanto objeto empírico de análise) em que descrição e interpretação sejam constitutivas de toda análise. Uma concepção que assegura, sobre o ato de descrever/interpretar, uma análise que não distancia língua e história; ao contrário, defende o liame entre as duas. Assim, uma análise que se propõe a investigar o

⁸Seja através da figura do escravo dos primeiros séculos de colonização, seja através da figura dos primeiros imigrantes que partiram da Bahia em busca de trabalho, há um discurso bastante presente na sociedade baiana (e em grande parte do nordeste) que sublinha a dedicação e a determinação do baiano diante de dificuldades frequentemente relatadas na música e na literatura. Essa temática está presente, por exemplo, em Mariano (2009), cujo acervo reúne um grande número de músicas em que a relação entre trabalho e dor caracterizaria uma representação constantemente ofuscada em relação ao baiano – uma delas está presente na seção 1.5 deste capítulo.

funcionamento de determinado(s) discurso(s) deve proceder à análise (leia-se descrição/interpretação) dos efeitos de sentido que marcam seu funcionamento.

Tanto em (5) quanto em (6), o modo como é representada a relação que o baiano mantém com o trabalho – a preguiça, a indolência... a “baianidade” – é formulada no sentido inverso, como um estereótipo às avessas, que poderia ser afiançado pela paráfrase: “a cidade do Salvador (o baiano) destaca-se pelo trabalho”⁹. Uma oposição à comum representação do baiano preguiçoso, como a apresentada nos seguintes aforismos (?) que circulam em sites de humor e redes sociais:

(7) ***Mandamentos de trabalho na Bahia***

I. Viva para descansar.

II. Ame a sua cama, ela é o seu templo.

III. Se vir alguém descansando, ajude-o.

IV. Descanse de dia para poder dormir à noite.

V. O trabalho é sagrado, não toque nele.

VI. Nunca faça amanhã o que você pode fazer depois de amanhã.

VII. Trabalhe o menos possível; o que tiver para ser feito, deixe que outra pessoa faça.

VIII. Calma, nunca ninguém morreu por descansar, mas você pode se machucar trabalhando.

IX. Quando sentir desejo de trabalhar, sente-se e espere que ele passe.

X. Não se esqueça, trabalho é saúde. Deixe o seu para os doentes.

Finalmente, lembre-se do ditado: “quem trabalha muito, erra muito; quem trabalha pouco, erra pouco. Quem não trabalha não erra; quem não erra é promovido.”

(PIMENTEL, 2009, p.79)

⁹É possível articular a figura da cidade à figura do baiano, na medida em que a afirmação de que a cidade de Salvador é a “sede” do trabalho sublinha a concepção de que o baiano (não apenas nesse caso o soteropolitano – aquele que nasceu em Salvador) se destaca pelo trabalho.

Tal qual o conhecido decálogo bíblico entregue a Moisés, os “Mandamentos de trabalho na Bahia” resumem um “conjunto de leis”, sobretudo pela presença do uso da forma imperativa e do caráter prescritivo. A estrutura se assemelha (minimamente!) às “Tábuas da lei” (ou os “Dez Mandamentos”), mas o seu conteúdo é cômico, trabalha com a ironia e a cumplicidade em torno da representação de um suposto “discurso de baianidade” sintetizado pela aversão ao trabalho e promoção da preguiça. Assim como os mandamentos bíblicos, os “Mandamentos de trabalho na Bahia” propõem uma aliança. Nesse caso, um discurso de aliança em torno de uma representação do baiano oriunda de fontes heterogêneas, como as retratadas pela televisão e pelo cinema. Por outro lado, não podemos desconsiderar a seguinte interpretação: uma vez que só há a presença do termo “Bahia”, não há uma designação explícita de que esses “mandamentos” são restritos aos baianos. Assim, a “adesão” as leis valeriam apenas em território baiano? Os adeptos não necessariamente devem ser baianos? Por fim, ao final dos mandamentos, também é possível sublinhar a presença do “ditado” que, entre outras coisas, atribui uma ligação entre a aversão ao trabalho e a ascensão social. Um estereótipo não muito comum e que, para alguns, determinaria a atribuição da autoria¹⁰ a um enunciador baiano como mais uma representação estereotípica, a do malandro.

Em se tratando dos estereótipos sugeridos pelas piadas sobre baiano, é possível defender que a oposição /preguiça vs trabalho/ é atualizada por outras representações. Diante dessa perspectiva, é possível interpretar outras representações estereotípicas da figura do baiano, como nos seguintes enunciados (facilmente) encontrados em sites de busca na internet:

- (8) *Sonho de baiano é coco já vir ralado.*
- (9) *Nos restaurantes baianos, a pressa é inimiga da refeição.*
- (10) *Dentre todos os povos do mundo, o baiano se destaca. Destaca-se e vai até em casa puxar um ronco.*
- (11) *Na Bahia, tradicionalmente se elege o candidato que promete que vai fazer menos coisas.*

¹⁰ Maingueneau (2008a) defende que estamos diante de uma instância não nomeada, um *hiperenunciador*. Uma categoria explorada pelo enunciador que acredita enunciar um discurso partilhado entre os membros de sua comunidade.

- (12) *O Brasil precisa de um presidente baiano, que já esteja acostumado ao ritmo que as reformas de que o país precisa vem sendo feitas.*
- (13) *Os baianos tiveram preguiça até para fazer uma cultura própria. Mandaram vir uma da África, prontinha.*
- (Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0105/0945.html>)

Apesar de todos os enunciados trabalharem com a representação “clássica” dos baianos, o estereótipo da preguiça, as representações agregam temáticas políticas e culturais, reatualizando e apontando novas direções para a representação do baiano. É possível afirmar que os enunciados (11) e (12) agregam uma memória coletiva (através de mais um estereótipo) que marca o comportamento de incredulidade que o brasileiro (portanto, em (12), não apenas o baiano) mantém com a política. Porém, se, por um lado, em (11), a representação limita-se ao próprio baiano (“Na Bahia...”), no enunciado (12), a representação de um “*presidente baiano*” agrega à figura do representante maior da política brasileira outro estereótipo: o enunciado a “preguiça baiana”. Teríamos, assim, a caracterização central de um suposto comportamento do político (e da política) brasileiro(a), a morosidade, a lentidão, propriedades estereotípicas também comumente atribuídas ao baiano. Assim, acrescentar-se-ia à fala pública “as reformas não são feitas por causa da burocracia e da corrupção” outra paráfrase: “as reformas não são feitas por causa da ‘falta de pressa’ dos políticos em votá-las”.

Por fim, (13) defende a não “originalidade” da cultura baiana. É possível afirmar que a comparação propõe um novo direcionamento: ao contrário do que é divulgado na música, na televisão, no cinema etc., a “cultura baiana” não teria como um de seus atrativos a singularidade, fruto de uma fusão de costumes, folclores e tradições. Em seu lugar, o enunciado (13) afirma que associa à cultura a um objeto importado (“*Mandaram vir uma da África, prontinha*”). Uma afirmação que é deslocada para a “preguiça”. Não se trata de um novo estereótipo, mas, assim como nos outros casos, propõe novos direcionamentos para o estereótipo da preguiça e da representação mais comum da relação que o baiano mantém com o trabalho nas piadas.

1.3 ESTEREÓTIPOS ATRAVESSADOS

*Um paulista, trabalhando pesado, suado, terno e gravata, vê um baiano deitado numa rede, na maior folga. O paulista não resiste, e pergunta:
- Você sabia que a preguiça é um dos sete pecados capitais?
E o baiano, sem se mexer, responde:
- A inveja também!¹¹*

(PIMENTEL, 2009)

Parece, com efeito, que não há uma “regra” que impeça que um mesmo referente possua diferentes atribuições estereotípicas, diferentes “rótulos”. É o caso da representação dos baianos em textos de humor, bem sintetizados no seguinte exemplo:

(14) *Baianos*

- 1 Baiano = um escritor famoso*
- 2 baianos = luta de capoeira*
- 3 baianos = grupo de axé*
- 4 baianos = terreiro de macumba*

(Disponível em: < <http://piadasantigasenovas.blogspot.com.br/2008/06/piadas-de-preconceito.html> >)

Se destacarmos o conjunto de características atribuídas nesse exemplo à figura do baiano (escritor famoso, capoeirista, apreciador do (ritmo do) axé e frequentador de terreiros de macumba), torna-se óbvio (re)afirmar que a representação da preguiça não é única. A representação dos baianos em textos chistosos parece articular um desdobramento em que se agregam diferentes rótulos. O lugar privilegiado na produção de sentidos que essas representações articulam só são possíveis em função de uma memória coletiva que, acionada pelo interdiscurso, constitui um trajeto histórico em que essas representações já foram ditas, portanto, sedimentadas no imaginário coletivo.

¹¹ A análise dessa piada está presente na seção 1.3.3.

Este espaço simbólico de significações necessita ser abordado de maneira minuciosa, de modo que seja possível descrever o funcionamento discursivo de uma piada sem perder de vista as peculiaridades sócio-históricas que marcam a memória coletiva associada à figura do baiano.

Voltemos para a piada que inicia esta seção. Para entendê-la é necessária (mas não apenas) a associação da preguiça ao baiano representado no texto chistoso – do contrário, qual seria o funcionamento do humor? Há a possibilidade de defender que há o funcionamento do humor associado aos “sete pecados capitais” e, por conseguinte, o foco seria a ênfase dada à inveja do paulista, uma análise que não nos interessa neste momento.

A oposição /preguiça vs trabalho/ articula o nó central da piada. As características atribuídas ao paulista (suado, com o vestuário mais “clássico” da representação do trabalho – terno e gravata –, sublinhado pelo “trabalho pesado” – um reforço à imagem habitual que o ouvinte da piada possa ter em relação ao trabalho) constroem o quadro estereotípico do trabalhador “exemplar”, consagrado pelo imaginário coletivo. Porém, este modo de representar a relação com o trabalho (suado, pesado...) parece ser interpretado pelo baiano como um “pecado”. Um movimento que sai em defesa da preguiça ao mesmo tempo em que ataca outro “pecado capital” mencionado na piada, a inveja. E o inverso também acontece: o paulista, ao ver “o baiano deitado numa rede”, caracterizará a presença de um dos pecados capitais.

Nessa piada (ver também a seção 1.3.3 em que a análise dessa piada é retomada), se, por um lado, há a o *script* da alegação da “preguiça”, de outro, há o *script* da “inveja”. Trata-se de dois *scripts* que se opõem: são duas significações compatíveis com o ato descrito na piada (“*um baiano deitado numa rede, na maior folga*”)¹². Dito de outra forma, teremos os *scripts* opostos [preguiça/inveja]. Observada a hipótese central defendida por Raskin (1985), a presença desses dois *scripts* é determinante para o funcionamento do humor, sobretudo por contribuir com o deslocamento, a ruptura da interpretação da piada uma vez que articula um final inesperado – uma característica frequentemente defendida por outros estudiosos do humor. Assim, segundo Raskin (1985), **um texto chistoso tem de ser (ao menos, parcialmente) compatível com dois *scripts* diferentes que se sobrepõem.**

¹²Com efeito, essa não é a única consideração a ser feita em relação ao funcionamento da piada. Porém, nos reservamos, neste momento apenas a privilegiar a apresentação da teoria de Raskin (1985).

Raskin acrescenta que **a passagem de um *script* a outro se dá através da presença de um gatilho** [*triggers*]. Neste ponto, o autor sublinha a questão central que constitui o funcionamento de um texto chistoso: a ambiguidade e a contradição – questões discutidas também por Freud (1905), como apresentamos acima. Se analisado brevemente, o gatilho que determina o funcionamento do humor corresponde ao próprio desfecho da piada (— *A inveja também!*) na medida em que desloca o *script* [preguiça] para o *script* [inveja]. Nessa piada, será a frase que dá o desfecho à piada o **gatilho** que “aciona” o deslocamento entre os *scripts*, um movimento determinante para o funcionamento do texto chistoso.

Raskin (1985) é responsável pela “teoria do *script* semântico no humor”. Para Attardo (1994), Raskin emprega o termo “*script*” – uma noção proveniente da psicologia¹³ – em referência à presença e funcionamento provocado por determinados itens lexicais¹⁴. Sumariamente, ele apresenta como hipótese central de sua tese a formulação das seguintes máximas:

A text can be characterized as a single-joke-carrying-text if both of the conditions are satisfied:

- (i) The text is compatible, fully or in part, with two different scripts**
- (ii) The two scripts with which the text is compatible are opposite (...)**

The two scripts with which some text is compatible are said to overlap fully or in part on this text. (RASKIN, 1985, p. 99)

Segundo Raskin, estas máximas seriam as condições necessárias para um texto ser engraçado – apesar de não ser uma condição suficiente para asseverar que se trata de um texto de humor, como adverte o próprio autor. Em outras palavras, **para que haja humor, a piada teria de apresentar dois scripts que se opõem.**

Raskin defende que todo o funcionamento da sua teoria (i.e, a prescrição dos *scripts* e do gatilho) só será possível se considerarmos um aspecto central em sua teoria: as piadas apresentam

¹³Segundo Attardo (1994), a noção é originária da psicologia e será incorporada pela Inteligência Artificial (AI) e a na Linguística por Raskin (1985), entre outros.

¹⁴Trata-se de uma distinção necessária em relação ao emprego do termo em outros campos de pesquisa em que *script* é considerado como um objeto cognitivo em que é relacionado a *frames*.

um modo de comunicação não *bona-fide*. Para o autor, o modo não *bona-fide* de comunicação é regido pelas seguintes máximas¹⁵:

- (i) Maxim of Quantity: Give exactly as much information as is necessary for the joke
- (ii) Maxim of Quality: Say only what is compatible with the world of the joke
- (iii) Maxim of Relation: Say only what is relevant to the joke
- (iv) Maxim of Manner: Tell the joke efficiently (RASKIN, p.103)

O autor propõe que são essas as “condições do humor”. Dito de outra maneira, as piadas devem apresentar determinados mecanismos (e.g., a brevidade, a relevância etc.) fundamentais para o funcionamento do humor. Seja pela brevidade da informação (*Maxim of Quantity*), seja pelo modo como essa informação é selecionada (*Maxim of Relation*), Raskin defende que é o modo de comunicação não *bona-fide* que garante as “regras do jogo”. Em outras palavras, o modo de comunicação não *bona-fide* tem por característica a ocorrência fundamental da polissemia – o que garante a dupla interpretação – que será deslocada pelo funcionamento do par *script/gatilho*. Uma necessidade justificada pelo próprio Raskin (1985):

In fact, we are dealing again with an important aspect of joke-telling as a non-*bona-fide* mode of communication. In *bona-fide* communication as well, ambiguity is quite frequent and it may also be created by the occurrence of polysemous or homonymous words. There, however, the process of disambiguation should, and usually does, take place immediately and, ideally, only one meaning of the utterance is intended by the speaker and perceived by the hearer. In many if not most jokes, however, ambiguity is deliberate and the intention of the speaker include two interpretations which he wants the hearer to perceive. If both the speaker and hearer are in the same mode of communication, the hearer knows the “rules of the game” and is not only ready to perceive the second interpretation along with the first obvious one but actually is willing to look for it. (ibid., p. 115).

¹⁵ Raskin (1985) deixa claro que se baseia nas máximas propostas por Grice (*apud* RASKIN, 1985, p. 103):

- (i) Maxim of Quantity: Give exactly as much information as required
- (ii) Maxim of Quality: Say only what you believe to be true
- (iii) Maxim of Relation: Be relevant
- (iv) maxim of Manner: Be succinct (RASKIN, p.103)

Raskin afirma que as piadas são constituídas pela ambigüidade – não se trata de afirmar, porém, que tudo o que é ambíguo é piada –, o que possibilitaria que o funcionamento das piadas fosse regido por um jogo de interpretações determinado pela combinação dos pares *unintentionally/intentionally* e *not expect/expect*. No caso da piada que iniciamos a seção, o deslocamento de um *script* para outro estaria regido pelo par *not expect/expect*. Com efeito, o deslocamento necessário que as piadas exigem para constituir-se como um texto chistoso é o que fundamenta a tese de Raskin. Para tanto, as condições de possibilidade de um texto chistoso são determinantes para esse funcionamento.

Concordamos com Possenti (1998) quando defende que “a descrição dos gatilhos e das razões que fazem um texto ser compatível com mais de um *script*” (POSSENTI, 1998, p.23) é o ponto central que permitirá à linguística contribuir para o campo do humor. Apesar de não nos interessarmos apenas pela descrição linguística do funcionamento das piadas¹⁶, acreditamos que os aspectos verbais, especificamente linguísticos, são cruciais para a descrição e interpretação dos efeitos de sentido nas piadas.

No caso da piada em análise, a “preguiça baiana” funciona como um *efeito de evidência*, uma representação partilhada entre baiano e “não-baianos” e que possivelmente não se limita ao território brasileiro¹⁷. Um funcionamento articulado pela estereotipia: o baiano mais uma vez representado pelo estereótipo da preguiça.

Até aqui admitimos que o estereótipo do baiano preguiçoso não compreende tudo o que foi dito sobre o baiano, mas aquilo que se repete ao longo desses textos. Por isso dedicamo-nos, por exemplo, a analisar quais os conjuntos de fatores sócio-históricos, as conjunturas específicas que possibilitaram atribuir o estereótipo da preguiça ao baiano (e que não se limitam às piadas). Acrescenta-se a isso a consideração de que o humor pode ser considerado um lugar que revela um “sintoma” social (cf. POSSENTI, 1998). Nas palavras de Brewer (2001), “tratando das contingências e tensões da vida comum”. Mas não apenas isso.

¹⁶ Possenti (1998) apresenta-nos um estudo dedicado à questão.

¹⁷ Seja pelas figuras de alguns cantores baianos (Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Gilberto Gil...), através das obras de Jorge Amado, o conjunto de elementos simbólicos estereotípicos associados ao baiano (e Bahia), mais precisamente sobre o “jeito de ser” do baiano, seja pelos meios de propaganda turística articulado pelo Governo do Estado da Bahia, estas formulações constituem o principal modo de funcionamento do real acerca da representação do baiano, e que, portanto, não se limitaria às piadas.

Com efeito, o discurso humorístico sobre o baiano tenta significar a imagem do baiano não apenas a partir da técnica da negação do outro como afirmação de si (a representação/o rebaixamento do baiano a partir da comparação com o paulista, o carioca, o mineiro...), mas também – e sobretudo – a partir de uma possível manobra interdiscursiva com o plano histórico da escravidão e, sobretudo, em relação às migrações em massa em busca de emprego em meados do século XX. Dito de outra forma, esse processamento (inter)discursivo (constituição, formulação e circulação) propõe que a representação do baiano preguiçoso articula-se a partir da categoria da *contradição*, uma vez que o baiano representado como preguiçoso é também representado historicamente como trabalhador. Isto é, o baiano (ou aqueles que viviam escravizados no território baiano) perderia a condição de trabalhador e passaria a ser representado como avesso ao trabalho. Um não-dito aparentemente não acessível nas piadas.

No que diz respeito à representação do baiano fora do campo do humor, acrescenta-se o esquecimento e a aparente negação desse processamento discursivo¹⁸. Trata-se de um deslizamento de sentido em que **A** (o baiano trabalhador), ao final do processo, passaria a ser representado como **B** (o baiano preguiçoso/avesso ao trabalho).

Neste caso, o processamento discursivo da representação do baiano preguiçoso constitui uma forma de simulacro (que não necessariamente se realizam nas piadas) e, por conseguinte, mantém uma relação com as suas determinações históricas. Longe de propormos que as piadas sobre baiano devam apresentar a leitura obrigatória das determinações históricas em torno dos estereótipos associados aos baianos ou que seja de simples interpretação por parte do leitor, porém não há como negar que sublinhar esse fio discursivo é determinante para compreendermos o funcionamento do humor e do preconceito.

Por conveniência de exposição, retomaremos o estereótipo da preguiça, sobretudo por serem algumas das piadas que circulam facilmente nas redes sociais:

¹⁸Talvez seja justo dizer que: (i) as piadas nem sempre evidenciam o processo discursivo que a possibilitou; (ii) a descrição desse processamento discursivo corresponde a um dos trabalhos do analista e que sua importância é sublinhada pelas polêmicas em torno dessa representação que, por sua vez, foram discutidas neste capítulo.

(15) **Lanche rápido**

O turista pede um suco de laranja numa lanchonete de Salvador. Passados quinze minutos, o atendente tenta negociar.

- Ô, meu rei, não dá pra ser Coca-cola, não? É que o suco ainda vai ter que espremer...

(Disponível em: < http://ozeus.no.comunidades.net/index.php?pagina=1575860356_30>)

(16) **Trabalhador**

O trio momesco corria solto em Salvador. O turista, atrás de um trio elétrico, espantou-se ao ver um camarada vendendo acarajé no meio da multidão.

- Aposto que você não é baiano.

- Sou sim. De Salvador mesmo.

- Mas como? Baiano trabalhando no carnaval?

- É, meu rei. Mas só trabalho no carnaval.

(Disponível em: < <http://www.mail-archive.com/piadas@news.com.br/msg02111.html>>)

Apesar de centrados na representação da preguiça – ou na esperteza, na medida em que o baiano sinaliza que trabalha exatamente na época em que há maiores ganhos! –, o efeito humorístico nessas piadas é diferente: se, por um lado, na primeira piada, a representação da preguiça funciona a partir da crença de que o baiano tem aversão ao trabalho, é possível sublinhar que as piadas acionam outro estereótipo, em que os baianos exerceriam trabalhos socialmente discriminados, motivados possivelmente pela ausência de estudo, instrução etc. É possível admitir que se trata de um sentido não facilmente acessível ao leitor. Propor a presença dessas representações é admitir que as piadas nem sempre veiculam estereótipos “explicitamente”, de leitura obrigatória para o efeito humorístico, mas que não deixam de operar e determinar o seu funcionamento. Assim, da mesma forma que o baiano da primeira piada é um atendente, na piada seguinte a representação do baiano perpassa tanto pelo estereótipo da preguiça (o espanto e a dúvida do turista) quanto pela interpretação do trabalho que o baiano exercia durante o carnaval (vendedor de acarajé). Um funcionamento aparentemente menos relevante, mas que permite sublinhar o funcionamento de uma caracterização sócio-historicamente construída.

Ainda outra observação: se no início da piada há uma tentativa de conduzir o leitor para a alegação de que o baiano trabalha durante o carnaval (“*um camarada vendendo acarajé no meio da multidão*”), o desfecho surpreendente (uma das marcas do texto humorístico) altera essa

leitura inicial, na medida em que o desfecho ratifica a repetição em torno dos estereótipos mais sedimentado no imaginário acerca do baiano: a preguiça e a aversão ao trabalho. Em outras palavras, na medida em que sublinhamos o seguinte mecanismo linguístico presente no último enunciado (“*Mas só trabalho no carnaval*”), é possível afirmar que “*só*” opera uma manobra de determinação de sentido, propondo um redirecionamento na interpretação da piada (“o baiano ‘trabalha’ no carnaval porque é o período em que necessariamente não estaria trabalhando”; isto é, “o baiano não está trabalhando, mas aproveitando o carnaval”). A incidência desse recurso linguístico motiva a própria significação do estereótipo, reforçando-o.

Vejamos outro exemplo:

(17) **Licença**

Estavam um carioca, um paulista e um baiano num boteco do mercado modelo, quando o carioca diz aos outros:

- Mermão, esse cara que entrou aí é igual a Jesus Cristo.

- Tás brincando! -dizem os outros.

- Tô te falando! A barba, a túnica, o olhar...

O carioca levanta-se, dirige-se ao homem e pergunta:

- Mermão, digo, Senhor, Tu é Jesus Cristo, não é verdade?

- Eu? Que ideia!

- Eu acho que sim. Aí, tu és Jesus Cristo!

- Já disse que não! Mas fale mais baixo.

- Pô, eu sei que tu é Jesus Cristo. - Tanto insiste que o homem lhe diz baixinho:

- Sou efetivamente Jesus Cristo, mas fale baixo e não digas a ninguém, senão isto aqui vira um pandemônio.

- Tenho uma lesão no joelho desde pequeno. Me cura aí brother, digo, Senhor!

- Milagres? Não. Tu vais contar aos teus amigos e eu vou passar a tarde toda fazendo milagres.

O carioca tanto insiste que Jesus Cristo põe a mão sobre o seu joelho e o cura.

- Pô, valeu! Ficarei eternamente grato! Agradece, emocionado, o carioca.

- Sim, sim! Não grites e vai-te embora e não contes a ninguém.

Logo em seguida, chega o paulista...

- Aí meu, o meu amigo disse-me que és Jesus Cristo e que o curaste. Tenho um olho de vidro. Cura-me!

- Não sou Jesus Cristo! Mas fale baixo.

O paulista tanto insistiu que Jesus Cristo passou-lhe a mão pelos olhos e curou-o.

- Ô lôco meu! Obrigado mesmo! - agradece, emocionado, o paulista, enxergando tudo com os dois olhos.

- Vai-te agora embora e não contes a ninguém.

Mas Jesus Cristo bem o viu contando a história aos amigos e ficou à espera de ver o baiano ir ter com ele. O tempo foi passando e nada.

Mordido pela curiosidade, dirigiu-se à mesa dos três amigos e, pondo a mão sobre o ombro do baiano, começou a perguntar:

- E tu, não queres que...

O baiano levanta-se de um salto, afastando-se dele:

- Aê, meu Rei!... Tira as mãozinhas de mim, que eu ainda tenho seis meses de licença médica.... não atrapalha.

(PIMENTEL, 2009, p.18-20)

Nessa piada, apesar de não haver a alusão a postos de trabalho, novamente há a incidência do discurso da preguiça e da aversão ao trabalho, que supostamente funcionariam tanto como uma representação do baiano como uma manobra de diferenciar o carioca e o paulista do baiano. Entretanto, a estratégia decisiva para o funcionamento do humor está centrada em outra oposição: o gesto de gratidão do carioca (- *Pô, valeu! Ficarei eternamente **grato! Agradece, emocionado, o carioca***) e do paulista (*Ô lôco meu! **Obrigado mesmo! - agradece, emocionado, o paulista, enxergando tudo com os dois olhos***) em contraste com o comportamento contrário do baiano que não quer o milagre (***O baiano levanta-se de um salto, afastando-se dele:- Aê, meu Rei!... Tira as mãozinhas de mim, que eu ainda tenho seis meses de licença médica.... não atrapalha***). Se para os dois primeiros, a presença de Jesus no boteco, no Mercado modelo, é festejada, gera alvoroço (e agradecimento), para o baiano essa presença gera sobressalto por outro motivo: a possibilidade de seus dias de licença terminarem, ou, mais precisamente, na interpretação possibilitada pelo funcionamento do estereótipo associado ao baiano que, por ser preguiçoso, prefere manter a sua enfermidade em vez de voltar ao trabalho e, por isso, renega o “milagre”. Mais uma vez o efeito proporcionado pelo estereótipo é crucial para o funcionamento do humor, justificando o final surpreendente da piada.

1.3.1 Marcha lenta

Assim como a representação da preguiça, a lentidão é notadamente uma das características mais exploradas na representação do baiano e que, a nosso ver, funciona como um simulacro, isto é, corresponde ao modo como o estereótipo da preguiça é “traduzido” nas piadas. O jeito manso de ser e a morosidade – que também se reflete na fala – são características que funcionam como uma suposta “diferenciação/destaque” do baiano em meio aos demais (assim acontece nos programas de humor, novelas, *talk shows* etc.). Aqui também se trata de um estereótipo que funciona pelo exagero assim como pelo rebaixamento. Consideremos os seguintes casos:

(18) **Presente**

Casal de baianos discutindo qual o bicho de estimação que deveriam dar para o filho:

- *Um cachorro? Um gato? Um coelho? Já sei: uma tartaruga!*

- *Dá certo, não. Ele vai deixar fugir...*

(PIMENTEL, 2009, p. 86)

(19) **Marcha lenta**

Dois baianos estavam andando no meio do mato. De repente, um vira pra trás, saca a peixeira e corta uma lesma ao meio.

O outro, indignado, pergunta:

- *Oxente, rapaz, por que você matou a bichinha.*

- *Ara! Essa lesma estava seguindo a gente há mais de duas horas.*

(PIMENTEL, 2009, p. 77)

Em ambas as piadas, o que serve de base para o humor é o exagero no modo como o baiano é representado: no primeiro caso, lento, incapaz de seguir uma tartaruga; no segundo, a morosidade no caminhar culmina com a comparação com o caminhar de uma lesma. Em resumo, o funcionamento do estereótipo da lentidão associado ao final surpreendente é determinante para o funcionamento do humor.

A partir da cenografia da segunda piada, é possível que o leitor interprete a caracterização dos gestos do baiano (“*saca a peixeira e corta uma lesma ao meio*”) bem como algumas marcas

presentes em sua fala (“*Ara!*”) como um agenciamento do estereótipo do “cabra macho” nordestino. Trata-se de mais uma representação determinante para o funcionamento do humor, na medida em que a fala e o jeito agressivo de agir determinam mais uma significação agregada ao baiano (assim como aos nordestinos em geral!), mas que, nesse caso, confunde-se com uma representação mais abrangente, do nordestino do campo e/ou das histórias de Lampião que até hoje estão presentes no imaginário das cidades nordestinas através do cordel, da música, das narrativas etc.

Porém, outro pequeno exemplo propõe uma leitura diferente em relação à questão da lentidão:

(20) **Precaução**

O baiano chega numa estação de trem em Minas e pergunta ao bilheteiro:

- *Moço, vem cá, o senhor sabe se o trem das cinco já passou, sabe?*

- *Sim, senhor, já passou.*

- *E o trem das cinco e meia?*

- *Também já passou.*

- *E o expresso mineiro, a que hora ele vai passar?*

- *Daqui a meia hora.*

- *E o que vai pra Sumpaulo?*

- *Meu senhor, por que o senhor não me fala logo o trem que quer pegar? Aí eu te falo se passou ou não passou!*

- *Oxente! Mas eu não quero pegar trem nenhum, não senhor!*

- *Então por que pergunta?*

- *É que eu quero atravessar a linha! E o senhor sabe como é, eu gosto de andar beeem devagar...*

(PIMENTEL, 2009, p. 83)

Este chiste funciona não apenas a partir da ênfase dada à morosidade do baiano (“*E o senhor sabe como é, eu gosto de andar beeem devagar...*”). De fato, o efeito é produzido pelo exagero em caracterizar o baiano como devagar – do contrário não haveria motivo para a tentativa de caracterizar a lentidão na fala do baiano (“...**beeem devagar**”). Contudo, certamente este não é o único estereótipo mobilizado na piada.

Apesar da presença de uma marca comum na representação da fala do baiano nas piadas (“*Oxente!*”), está não é tão determinante quanto a presença de outra caracterização: a ignorância. E, nessa piada, o humor dependerá dessa significação, na medida em que somente a representação do baiano preguiçoso não é capaz de dar sentido ao diálogo que o baiano tem com o mineiro e que resulta na impaciência do bilheteiro (“- *Meu senhor, por que o senhor não me fala logo o trem que quer pegar? Aí eu te falo se passou ou não passou!*”), além da resposta surpreendente do baiano (“*Mas eu não quero pegar trem nenhum, não senhor!*”). A presença dessas representações supõe que o funcionamento das piadas sobre baiano frequentemente explora mais de um estereótipo na tentativa de significar a representação do baiano. E esse procedimento só faz aumentar o número de representações do baiano nas piadas.

1.3.2 Ignorância, esperteza... transgressão (?)

Ainda há mais o que observar na representação do baiano como ignorante: não são raras as piadas em que essa representação é crucial para o funcionamento do humor. Por exemplo:

(21) ***Vingança***

O baiano foi pro Rio, tentar a vida. Desavisado, entrou na linha férrea e foi andando, até ser atropelado por um trem.

Foi parar no hospital, foi tratado e recebeu alta. Só que ficou um pouco traumatizado com o ocorrido.

Acabou preso num shopping Center, acusado de destruir um ferrorama, enquanto berrava:

- Hoje eu me vingo! Essa peste a gente tem que matar de pequeno!

(PIMENTEL, 2009, p. 88)

Com efeito, o funcionamento da piada é garantido pelo seu final surpreendente, isto é, pelo direcionamento proposto pela cenografia: o baiano, traumatizado pelo atropelamento que sofreu por um trem, vê a possibilidade de vingança ao deparar-se com um ferrorama. A compreensão da piada está na interpretação da ignorância do baiano que vê o ferrorama (provavelmente nunca tinha visto um antes) como um “filho” do trem que o havia atropelado (“*Essa peste a gente tem*

que matar de pequeno!”). Apesar disso, é possível sublinhar outras características que compõem essa representação: a caracterização do baiano como imigrante (“*O baiano foi pro Rio, tentar a vida.*”) e que desconhece a cidade (“*Desavisado...*”) são fundamentais para a composição do estereótipo do baiano imigrante, ignorante e sem instrução. Em resumo, a caracterização do baiano na piada perpassa por uma leitura histórica das correntes migratórias vivenciadas com maior intensidade durante as décadas de 1950 no Brasil. Assim, é possível asseverar que não ficou dito apenas que o baiano é um imigrante (“*O baiano foi pro Rio, tentar a vida*”): apesar de suficiente para o funcionamento do humor, essa representação agrega outros discursos, outras significações, denunciando um sintoma, o tema do preconceito e da marginalização daqueles que vivem no nordeste do Brasil (pontos que nada tem a ver com o humor e que dedicamo-nos a apresentar no capítulo 1). Observemos outro exemplo:

(22) *Cardápio*

Baiano entra numa lanchonete em São Paulo e lê no cardápio: “Temos X-burger, X-salada, macarrão, lasanha, carne assada etc.”.

E ele, depois de pensar bastante:

- Eu gostaria de experimentar esse tal de “etc.”.

(PIMENTEL, 2009, p. 103)

Esta piada explora mais uma vez a caracterização do baiano como ignorante. Mas não apenas isso. O chiste funciona a partir de um “falso direcionamento”: o leitor é levado a pensar que o baiano vai escolher uma das opções que constam no cardápio, porém, por não entender o significado do “*etc.*” (“*...esse tal de ‘etc.’*”), o baiano interpreta-o como uma das opções do cardápio e se propõe a experimentar. Nesse caso, “*tal*” funciona como um mecanismo linguístico que sublinha o desconhecimento do baiano em relação à abreviatura “*etc.*”, e por conseguinte, atesta o desconhecimento da própria escolha. Esta abreviatura é significada pelo baiano como um alimento, assim como o macarrão, a lasanha ou a carne assada presentes na piada. E mais do que isso: será essa “adivinhação” do que seria “*esse tal de ‘etc.’*” que agencia e sustenta a caracterização da ignorância (do contrário, não seria possível o funcionamento do humor).

Assim como a lentidão, a representação da ignorância nem sempre se realiza isoladamente nas piadas. Acrescentamos a esse posicionamento a possibilidade de defender que estas representações hiperbólicas podem operar deslocamentos a ponto de propor novas significações. É o caso da seguinte piada:

(23) **Prevenção**

Um grupo de estudantes da Universidade Federal da Bahia foi até a cidade mais pobre do interior para fazer uma pesquisa. Chegando lá, abordaram um senhor e começaram a lhe fazer perguntas:

- Qual o seu nome?

- Josicreison da Silva...

- Tem filhos?

- Tenho 17 fio e 44 neto...

- E de onde saíram tantos filhos? – perguntou um estudante, em tom de brincadeira.

- Oxente! Cabra mais analfabeto! Viero dos testículos!

Os estudantes ficaram impressionados e um deles comentou:

- Parabéns, seu Josicreison! Em uma cidade distante como essa, o senhor fala uma palavra difícil... “testículos”. Que cultura, hein!

- Num é cultura, não, meu fio! É prevenção mesmo! Imagina só: no meio dessa fome toda, se eu falo que isso aqui é ovo, já tava capado há muito tempo!

(PIMENTEL, 2009, p. 101)

Há alguns problemas nessa piada. Notadamente, é possível afirmar que não há provas de que se trata de uma piada sobre baiano¹⁹. Afinal, não há como assegurar que a cidade onde o senhor entrevistado vive é a cidade mais pobre do interior não implica afirmar que se trata de uma cidade baiana e conseqüentemente não garante que o senhor seja baiano. Da mesma forma, a caracterização dos estudantes (“*Um grupo de estudantes da Universidade Federal da Bahia*”) não impede que a cidade para onde eles partissem seja fora do estado da Bahia. Em resumo, a piada pode ser sobre baiano, mas como atribuir essa determinação?

Este problema pode ser resolvido a partir do agenciamento de uma pressuposição. Em outras palavras, para possibilitar o funcionamento da representação estereotípica do baiano, o

¹⁹ A não ser que fosse informado que essa piada encontra-se em um livro de coletâneas de piadas sobre baiano, essa afirmação continuaria a ser defensável.

leitor deve pressupor que os estudantes da “*Universidade Federal da Bahia*” viajaram para a cidade mais pobre do interior baiano. Sem essa determinação, esse efeito não seria possível. Assim, o senhor passará a ser representado como um morador de uma cidade baiana. Este procedimento é determinante para o funcionamento do estereótipo atribuído ao baiano, como veremos. Porém, há a possibilidade de mais de uma leitura – o ponto de maior interesse nessa piada.

Sobretudo em virtude das marcações na fala do senhor (“- *Num é cultura, não, meu fio*”, “- *Oxente! Cabra mais analfabeto! Viero dos testículos!*”), mais uma vez é possível afirmar que as características atribuídas ao senhor baiano compreendem uma tentativa de representá-lo como ignorante. Por outro lado, é possível interpretar que o senhor da cidade mais pobre do interior (da Bahia), ao surpreender o grupo de estudantes, impõe-nos outra representação, a esperteza. Uma representação frequentemente atribuída aos mineiros em piadas. Talvez por isso há quem diga que essa piada seria, na verdade, uma piada sobre mineiro “transformada” em piada sobre baiano. O que nos faz pensar inicialmente que propor outra representação ao baiano nesse caso (além da ignorância), será uma atitude precipitada²⁰. Vejamos outro caso:

(24) *A piada dos Baianos no Exército*

Dois baianos que eram primos vão servir o Exército. Chegando lá, são entrevistados pelo sargento:

- *Qual o seu nome? - pergunta ao primeiro.*

- *É Tonho, meu rei.*

- *Negativo. De agora em diante, você será Antônio. E o que você está fazendo aqui?*

- *Tô dando um tempo.*

- *Negativo. Você está servindo à Pátria. E o que é aquilo? - pergunta, apontando para a Bandeira do Brasil.*

- *É a bandeira.*

- *Negativo. De agora em diante, ela é a sua Mãe.*

Vira-se para o segundo e pergunta:

- *Qual o seu nome?*

- *É Pedro.*

- *E o que você está fazendo aqui?*

²⁰É importante sublinhar que não há dúvidas acerca do funcionamento da piada (independente de tratar-se de uma piada de baiano ou não). O que está em discussão é a possibilidade de acolhermos e defendermos outra significação atribuída ao baiano.

- *Servindo à Pátria.*
- *E o que é aquilo (apontando para a bandeira)?*
- *É minha tia. Mãe de Tonho...*

(PIMENTEL, 2009, p. 42)

O funcionamento do humor nesse caso é produzido com base no deslocamento feito por Pedro. Antes disso, o leitor é conduzido a inferir que as respostas de Pedro seriam todas corretas (se o sargento corrigiu Tonho dizendo “X”, logo Pedro retomará esse “X”), sobretudo porque Pedro presencia as retificações do sargento. No entanto, uma das retificações do coronel foi interpretada por Pedro como uma referência à mãe de seu primo. Dessa forma, para Pedro, por não ser realizada na fala do coronel (a bandeira só é mencionada como “*aquilo*”) a bandeira passa a ter outra referência, a mãe de Tonho (“- *É minha tia. Mãe de Tonho...*”), resultando no fim inesperado e, conseqüentemente, no humor do texto. Podemos dizer que o quadro de referência de Pedro não é o mesmo de quem lê a piada. É um funcionamento possibilitado pela cenografia da piada.

Como se vê, o funcionamento do humor é produzido por esse deslocamento de sentidos produzido pela equivocada relação de referencialidade processada pela figura de Pedro. Contudo, essa leitura não se realiza sozinha no texto: os efeitos de sentidos são processados a partir da leitura do modo como os baianos são representados. Afinal, a piada não teria os mesmos efeitos de sentido se, em vez de baianos, tratasse de piadas com cariocas, paranaenses, mineiros etc. Logo, a representação dos baianos a partir do estereótipo da ignorância está presente na piada, realizando-se através do interdiscurso. E mais que isso: é a base que dá significação às personagens. O efeito é caracterizar Pedro como ignorante.

Por outro lado, há quem diga que o funcionamento do humor tem como base outra significação. Na medida em que o ato de referir-se à bandeira como sua tia, é possível defender que Pedro, de maneira jocosa, extrapolaria as regras militares, determinando uma transgressão (!) e impondo uma nova significação à cena. Falaríamos, talvez, que se trata de uma piada militar (sobre o exército). Isto seria possível, caso não existisse o enunciado que dá início à piada (“*A piada dos Baianos no Exército*”).

1.3.3 Piada de paulista ou piada de resistência?

Apesar de não se traduzir em um grande número de piadas, essa representação merece nossa atenção. Trata-se de uma piada já sumariamente analisada no início dessa seção e que aqui retomamos em função do modo como focaliza a representação centrada na oposição ao outro.

(25) **Trabalho 2**

Um paulista, trabalhando pesado, suado, terno e gravata, vê um baiano deitado numa rede, na maior folga.

O paulista não resiste, e pergunta:

— Você sabia que a preguiça é um dos sete pecados capitais?

E o baiano, sem se mexer, responde:

— A inveja também!

(Disponível em: < <http://idioticenonet.blogspot.com.br/2011/12/as-melhores-piadas-de-baiano.html>>)

Nesse caso, temos um texto composto por enunciados que exploram a representação da preguiça e a aversão que o baiano tem ao trabalho. Uma representação possibilitada pela relação como o outro, na medida em que a comparação é determinante para a significação da representação da preguiça do baiano (“*Um paulista, trabalhando pesado, suado, terno e gravata, vê um baiano deitado numa rede, na maior folga.*”). O enunciado inicial (mais precisamente o “quadro cênico”) da piada propõe a oposição de dois *scripts*: o *script* da preguiça e o *script* do trabalho, ambos impostos por diferentes estereótipos (o baiano, preguiçoso; o paulista, trabalhador, *workaholic* etc.). Por conseguinte, o funcionamento do humor está na passagem de um *script* a outro a partir do gatilho: “*E o baiano, sem se mexer, responde: — A inveja também!*”: o leitor, já situado na relação entre os estereótipos associados ao baiano e ao paulista, surpreende-se com o comportamento e com a resposta do baiano, na medida em que o baiano trata o diálogo como o paulista a partir de outro desdobramento de sentido, a presença da inveja. Assim, ao final da piada, a oposição preguiça-trabalho terá outro sentido, agora lida como a relação entre “descanso-inveja”, produzindo o efeito humorístico.

Porém, é possível afirmar que há outra significação do baiano nas piadas, logo outra leitura: o baiano que sabe aproveitar a vida e seu momento de descanso (preguiça?) determina uma inquietação por parte do paulista, uma suposta inveja. É possível dizer que a estratégia do rebaixamento utilizada na representação da preguiça é reformulada por outra estratégia (incomum!) de representação do baiano? Seria uma piada sobre baiano ou uma piada sobre (a relação entre) baiano e paulista?

Há a possibilidade de pensarmos essa piada como “*piada de reação/resistência*”, como um acontecimento de linguagem específico em relação às piadas sobre baiano? Em outras palavras, esse grupo de piadas instaura uma ruptura em relação às propriedades mais comuns das piadas sobre baiano? Trata-se de um ponto que merece nossa atenção e que retomaremos mais adiante.

1.3.4 O caso do intruso

Observemos a seguinte piada:

- (26) *Viajam em um trem um gaúcho, um mineiro, um carioca, um paulista e um baiano. Lá pelas tantas, o gaúcho abriu a sacola, pegou um belo pedaço de carne, mordeu uma pequena parte e jogou o restante pela janela. Todos observaram aquilo com um certo espanto. O gaúcho justificou:*

–Bah, tchê!! Isso é o que mais tem na minha terra!

Passado algum tempo, o mineiro abriu a sacola, pegou um pedaço de queijo e repetiu o gesto de gaúcho. Todos os outros olharam para ele, espantados, e o mineiro disse:

– Uai, sô! Isso é o que mais tem na minha terra!

Mais um tempinho e foi a vez do carioca. Abriu a sacola, pegou um baseado de uns 20 centímetros (parecia um charuto cubano), acendeu, puxou, prendeu, soltou e jogou o resto pela janela. O espanto geral se repetiu! E o carioca:

– É isso aí, mermão. Isso é o que mais tem na minha terra!

Passaram-se uns vinte minutos, o silêncio já reinava no vagão, quando, de repente, o paulista, sem nada dizer, levantou-se e... jogou o baiano pela janela.

(Disponível em: < <http://m.orapois.com.br/piadas-outros,26,1789-m>>)

A piada leva o leitor à expectativa de que, assim como o carioca, o mineiro e o gaúcho, o paulista arremessará um objeto que mais tem em sua terra: a cenografia é realizada pela repetição. Pode-se dizer que a explicação para o desfecho da piada é simples: há muitos baianos em São Paulo, o que justificaria o arremesso do baiano para fora do trem, assim como fizeram os demais integrantes do vagão com os objetos que tinham em mãos. Porém, assim como algumas piadas analisadas até então, este exemplo também impõe outra leitura do modo como o baiano é representado.

Em um passo à frente na leitura da piada (ou, digamos, em outra leitura), pode-se dizer que a piada exige menos uma leitura do seu final do que a interpretação do modo como o baiano é representado. Esse seria, pois, o foco da piada. A “armadilha” para o funcionamento do discurso sobre o baiano está no modo como ele é representado: um aparente intruso no vagão, o único que não teve “voz”, é associado a um “objeto” etc. Não é possível afirmar que a ausência dessas leituras talvez não impedisse o funcionamento do humor da piada, uma vez que o seu desfecho surpreendente estaria garantido. O desfecho só faz sentido quando compreendido a “armadilha” em torno da representação do baiano: a marginalização, a exclusão, a (in)diferença.

Em (26), o estereótipo acerca do baiano não parece ser o tema central: a relação da carne com o gaúcho (a questão do churrasco), a do queijo com o mineiro, o uso de drogas associado ao carioca, e a “repulsa” do paulista são representações (por vezes hiperbólicas) que poderiam assumir a cena central da piada (diriam alguns). Há quem diga também que se trata de uma piada de paulista – o que seria mais aceitável. Contudo, o desfecho surpreendente – a figura do baiano posta para fora daquele convívio, sem direito a voz – faz com que a piada (e o motivo do riso) seja associada à forma como o baiano foi representado.

Com efeito, não se ri do paulista: o humor não está na representação do paulista, mas na técnica do chiste que conduz o entendimento para a forma como o baiano é representado (ele é o objeto do riso). E o que respalda tal análise é a técnica verbal presente na piada definido por Freud (1905) como *abreviação*: o enunciado “Isso é o que mais tem na minha terra”, partilhado e repetido por todos os outros participantes da piada, é abreviado, desaparecendo no final da piada, sem deixar um substituto – apesar de ser percebido ao final da piada. Para Freud tal *abreviação* dá-se pela “tendência à economia”: no caso da piada, a economia (a não repetição) do enunciado no desfecho do chiste. Por sua vez, é na não inclusão dessa sentença – e também na sua

percepção – que se articula o humor. Por outro lado, a não observação desse ponto por parte do interlocutor determinará o não entendimento da piada.

Já no que tange à análise do “fundo” em que se desenrola esta cena enunciativa, pode-se atribuir à figura do baiano o papel de intruso, indesejado, inferior. Porém, o ponto de maior relevância corresponde à sua caracterização como “objeto indesejado” – “na *minha* terra” –, como aquilo que mais tem “na terra do paulista”. Por fim, o estereótipo explorado na piada – o baiano representado como um ser inferior, vítima de preconceito – atende ao propósito hostil do chiste: marginalizar, diminuir a figura do outro, como proposto por Freud (1905), bem como compactua com as características atribuídas ao riso segundo Skinner (2002), a superioridade. E levanta mais uma vez o seguinte questionamento: seria o estereótipo da preguiça o mais comum nas piadas sobre a representação do baiano?

No caso das piadas que analisamos, foi possível observar que o funcionamento humorístico se sustenta em grande parte pelo estereótipo da preguiça. Contudo, ao levantarmos as piadas e organizarmos o *corpus* a partir do livro de piadas (PIMENTEL, 2009) e em grande parte por meio da internet, é possível asseverar que não é possível determo-nos apenas no estereótipo da preguiça: veremos mais adiante que o discurso do baiano preguiçoso é atravessado por outros estereótipos, propondo novas significações. O que reforça o seguinte questionamento: afinal, o que se diz nas piadas sobre baiano?

Diante de diferentes representações e determinações que a análise do *corpus* nos impõe, propomos um procedimento analítico. A historicidade, aquilo que fala antes, em outro lugar, é fundamental para compreendermos o modo como os estereótipos (da preguiça, da ignorância, da marginalização e, em menor escala, da esperteza) são atribuídos ao baiano, na medida em que o funcionamento do humor se processa a partir desses efeitos de sentido produzidos por essas representações. Ciente desse atravessamento, propomos classificar (e igualmente focalizar e analisar) as piadas a partir da divisão em dois grupos seguidos de alguns recortes:

Piadas X (estratégia do exagero, rebaixamento etc.)		Piadas de resistência (estratégias “incomuns”)
Piadas que veiculam a representação do <i>baiano preguiçoso</i> e/ou <i>avesso ao trabalho</i> .	Piadas que veiculam a representação do <i>baiano ignorante, marginal, indesejado</i> .	Piadas que propõem a representação do <i>baiano esperto</i> (pontualmente produzida a partir da inveja do outro), como uma forma de resistir ao estereótipo da preguiça.

Após uma observação (mesmo que ainda superficial) das piadas sobre baiano, é possível afirmar que a morosidade, a lentidão, não são as únicas caracterizações associadas ao baiano nas piadas em que ele é o foco: há também a alusão à ignorância, à malandragem, além da associação abrangente do nordestino generalizadamente caracterizado como baiano²¹. Um aparente conjunto de propriedades estereotípicas. Assim, retomamos o questionamento central que se impõe à nossa análise: **quais as condições históricas de produção que possibilitam que determinado grupo seja o objeto do riso a partir de diferentes estereótipos?**

²¹Na piadas, é comum encontrarmos nordestinos (Pernambucanos, Paraibanos, Cearenses etc.) alcunhados de baianos em algumas regiões sulistas.

CAPÍTULO II – ESPAÇOS HISTÓRICOS FORMADORES

Elogio à preguiça

O trabalho deve ser maldito, como ensinam as lendas sobre o paraíso, enquanto a preguiça deve ser o objetivo essencial do homem. Mas foi o inverso que aconteceu. É esta inversão que gostaria de passar a limpo.

(Malevitch em “A preguiça como verdade definitiva do homem”)

Investigar as *condições de produção* do discurso é estabelecer a relação entre história e discurso. Assim, é imperioso investigar o “fio discursivo” sobre o qual se articulam os efeitos de sentido nos enunciados, na medida em que “o liame que liga as ‘significações’ de um texto às condições sócio-históricas deste texto não é de forma alguma secundário, mas constitutivo das próprias significações” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007 [1971], p. 22). Por essa definição, é possível afirmar que outras condições de produção determinariam a produção de outras significações, uma vez que a partir das relações históricas é possível representar, por exemplo, o modo como o baiano é representado nas piadas: preguiçoso (e não estressado), trabalhador braçal (em vez de um gerente, diretor, executivo etc.), ignorante (em vez de esperto) etc.

Como defende Pêcheux (AAD-69, p. 75): “Um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas”. Sendo assim, se observarmos a tese dedicada à investigação do tema da preguiça baiana de Zanlorenzi (1998²²), encontraremos a caracterização de dois momentos apontados historicamente como a possível base sobre qual se sustentam e condicionam

²²Consideramos a tese de Zanlorenzi central para o desenvolvimento de nossa análise na medida em que as hipóteses levantadas em torno do processo histórico que determinou o funcionamento do estereótipo da preguiça e a sua atribuição à figura do baiano. Essas hipóteses serão fundamentais para interpretarmos o modo como a formação do imaginário social determina o próprio funcionamento das piadas. Talvez, por isso, são constantes as remissões ao trabalho da autora.

os efeitos imaginários sobre a figura do baiano: o primeiro, associado à conturbada relação entre os negros e os seus algozes, a classe escravocrata, ao longo dos primeiros séculos de povoamento do território brasileiro; o segundo, diz respeito às narrativas de uma forte corrente migratória nordestina ocorrida durante a década de 1940.

Na primeira hipótese, Zanlorenzi apresenta uma breve análise histórica em que a representação do baiano preguiçoso se desdobra: de um lado, apresenta-nos a cidade de Salvador, local onde desembarcaram a maioria dos trabalhadores escravizados oriundos do continente africano – Salvador ostenta o título de cidade com maior descendentes africanos fora da África; de outro, sublinha a construção de um imaginário fomentado pelos “indicadores” da preguiça que durante os séculos de escravidão foram atribuídos à figura do negro-escravo que, ao olhar do algoz, era moroso, avesso ao trabalho, indolente etc. Diante dessa postura vista como indolente, do comportamento de fuga e revolta do negro escravizado diante dos trabalhos forçados, foi construído talvez um *simulacro*²³ arquitetado sobre a temática da preguiça e, por ser a Bahia o território onde há a maior população negra fora do continente africano, é possível afirmar que este simulacro foi generalizadamente atribuído ao baiano.

Contudo, apesar da herança do período colonial, o fenômeno estereotípico (para alguns estudiosos, racista) só se tornou mais significativo nos primeiros 40 anos da república, como observa Guimarães (2000) nessa longa citação (porém imprescindível para a apresentação e compreensão desse espaço histórico de formação da estereotipia):

Houve ainda, a endurecer os estereótipos, mais que os negros, a raça. Todo o racismo doutrinário brasileiro concentrou-se nesses 40 anos da Primeira República, em que fomos beber no discurso ideológico europeu, não apenas a ciência, que estancou epidemias e saneou nossas ruas, mas a pseudociência, as ideologias políticas que franceses manipulavam entre si e contra os alemães, para justificar seja a restauração monárquica, seja a integridade da nação francesa (Arendt 1951; Foucault 1997; Noiriell 1992). Idéias de raça, teorias sobre a degenerescência dos mulatos, o modo como os europeus nos viam, a nós que queríamos ser mais europeus que os portugueses, doíam. A Bahia era a mulatice. Sem imigrantes europeus novos, e sem esperança de novos imigrantes europeus. Era o velho caldeirão racial parado no tempo, a receber o influxo demográfico dos negros. Na capital da República, os cientistas nacionais armaram a estratégia política e a solução teórica: o novo caldeamento se daria pelo afluxo de sangue novo europeu, de preferência não-ibérico. (...) Estavam plantadas, na virada para o

²³O *simulacro*, nesse caso, articula-se na medida em que o *baiano* (nordestino) que parte em busca de trabalho é caracterizado por uma construção inversa à sua atitude: a caracterização do *baiano* alheio ao trabalho, preguiçoso, indolente.

século XX, as raízes da subcultura baiana, de cujo estigma nutriu-se o primeiro preconceito contra os baianos. O barroco, a decadência, a mulatice. (GUIMARÃES, 2000, p. 03 - 04)

Um período que Guimarães (2000) definirá como um “período do exagero” vivenciado durante a Primeira República. “O estigma contra a Bahia amainara” (ibid.), mas não as representações associadas ao baiano.

Anos mais tarde, os movimentos que se sucederam aos modernistas de 1922 foram determinantes para que a Bahia fosse considerada como uma “preciosidade cultural” (GUIMARÃES, 2000, p. 04): é o momento de constantes referências a poetas (como o mineiro Ari Barroso²⁴ e Dorival Caymmi²⁵) e escritores (como Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro). As obras desses poetas, músicos e escritores difundiram uma imagem da Bahia e daqueles que lá habitam, representações frequentemente exploradas, na atualidade, em propagandas turísticas do estado. O “estigma”, por outro lado, será reconstruído no pós-guerra.

O segundo momento, por sua vez, remete à década de 1940, a partir de narrativas de uma forte corrente migratória nordestina – portanto, não apenas oriunda do território Baiano – em direção ao sudeste brasileiro. Neste momento, há a reatualização de um estereótipo, mais uma vez em forma de simulacro, na medida em que o *baiano* (também condensando aqui a nomeação de nordestino) passa a ser representado de outras maneiras: a representação do ignorante, sem instrução, resultante de um processo aparentemente distinto das condições de produção do estereótipo da preguiça, mas que não deixa de acrescer a representação da preguiça, sobretudo quando comparado com outras “identidades” concebidas como trabalhadoras, como assevera Zanlorenzi (1998):

²⁴São de sua autoria as composições com a constante alusão à Bahia: “Bahia imortal”, “Quando eu penso na Bahia”, “Quero voltar à Bahia”, “No tabuleiro da Baiana”, entre outras.

²⁵Assim como Ari Barroso, Caymmi tem várias canções alusivas à Bahia e às pessoas que lá habitavam: “O que é que a baiana tem”, “A preta do acarajé”, “Você já foi à Bahia?”, “Vatapá” etc.

No tocante ao tempo, o recorte abrange do final dos anos 40 até meados dos anos 80. Esse procedimento justifica-se porque foi nos anos 50, com o início do processo de industrialização, que a Bahia passou a estar em contato com as regiões sudeste e sul. Sendo a nomenclatura preguiça um processo relacional de identificação, é a partir da aproximação da Bahia com outros contextos sociais que foi se configurando uma das imagens do baiano preguiçoso. (...) a partir daí essa representação da preguiça já estava sedimentada no senso comum, passando a ser reafirmada pela indústria do turismo e pela grande mídia como um atributo essencialmente baiano. (ZANLORENZI, 1998, p. 14)

Em face dessas perspectivas, consideramos que as piadas sobre baianos são atravessadas pelos discursos associados a esses dois momentos históricos. Acrescentamos que essa dupla apresentação histórica fica sublinhada na seguinte afirmação: “Os dois discursos sobre o contraponto trabalho/preguiça apontaram claramente para a existência de um viés racial que o atravessa.” (ZANLORENZI, 1998, p. 28). Com efeito, esse posicionamento analítico diante da história tornou imperioso analisar, mesmo que brevemente no capítulo anterior, as contradições constitutivas em torno da relação /trabalho vs preguiça/.

Dessa maneira parece óbvio afirmar que as piadas sobre baiano apresentam diferentes condições de produção. Porém, talvez seja justo sublinhar que as representações do baiano nem sempre ocorrem isoladamente nas piadas, o que implica a aparição de discursos reacionários que, ao defenderem o funcionamento do preconceito nessas piadas, admitem o funcionamento de determinações históricas que nem sempre são retomadas em algumas piadas, mas que podem ressoar em outras.

É necessário sublinhar também que o momento histórico marcado pelas migrações apresenta-se como a “gênese” das piadas sobre baiano em que os motes serão a preguiça, a lentidão e a marginalização – representações feitas pelo Outro e inicialmente direcionadas para o baiano imigrante. Por sua vez, ao falarmos em viés racial, limitamo-nos a compreender que a figura do escravo indolente, avesso ao trabalho (em vez de forçado) estará presente no modo como o baiano será representado nas piadas a partir de sua relação com o trabalho: aquele que prefere festa e descanso em vez de trabalho. Há aqui um desdobramento discursivo que explica (em parte!) o fato de o estereótipo da preguiça causar desconforto, por vezes polêmicas e discussões por parte dos baianos. Portanto, diferentes momentos históricos serão determinantes para o funcionamento dos estereótipos explorados nessas piadas.

2.1 A (IR)REGULARIDADE DOS OBJETOS SIMBÓLICOS

Observemos a descrição do seguinte acontecimento:

A 10 de abril de 1947, o Governador Otávio Mangabeira tomou posse do governo de um estado da Bahia pobre, atrasado e ferido por sucessivas interventorias do Estado Novo, das quais a única que experimentou tímido programa nas áreas de educação e agronomia foi a de Landolfo Alves. Faltava carne na cidade do Salvador. A carestia de vida era enorme. A economia baiana mais atuante era a do cacau. Ela fornecia porém “mais divisas ao país” do que à Bahia (...) Faltavam escolas, hospitais, estradas de rodagem, portos marítimos e fluviais, navios e estradas de ferro. (TAVARES, 2008 [1959], p. 462-463)

As primeiras décadas do século XX não alteraram o modo de vida de um grande contingente da população baiana: a imobilidade social, o analfabetismo, as poucas oportunidades de trabalho caracterizam um cenário que pouco se diferencia dos fins do século XIX. O que se viu é que, após os acontecimentos políticos vivenciados no Brasil (e.g., a revolução de 30, o Estado Novo (1937) etc.), o estado da Bahia apresentava “sinais” de letargia. A descrição feita pelo historiador caracteriza um cenário não muito distante de algumas cidades do interior da Bahia na atualidade (como também de outros centros rurais da região nordeste do Brasil).

Em um estudo que cobre quase todo o século XX, Mariano (2009) propõe uma investigação sobre os atravessamentos que incidem sobre o discurso de baianidade em um *corpus* composto por canções, antigas e recentes, em que a Bahia e sua população são retratadas. Através da música, a autora dedica-se a descrever a produção de imaginários²⁶, representações identitárias que dão nome ao título do seu trabalho: “A invenção da baianidade”.

Mariano apresenta a hipótese de que as canções caracterizam uma Bahia que se confunde com o seu próprio povo (malemolente, hospitaleira, alegre etc.) à medida que tenta se integrar ao processo de modernização, industrialização e urbanização que vem ocorrendo no Brasil. As músicas serão, assim, agrupadas em função de dois momentos, caracterizando duas “Bahias”: a primeira, das primeiras décadas do século XX até 1964, uma Bahia que se assemelha à caracterização encontrada na citação acima de Tavares (2008 [1959]); a segunda, que dá

²⁶A autora sublinha o fato de que muitos compositores não eram baianos ou sequer conheciam a Bahia. Uma afirmação que considera a presença da heterogeneidade que marca os “discursos de baianidade” presentes nas músicas.

continuidade à década de 1960 e vai até o ano 2000, será o momento em que as canções retratam a Bahia em meio ao intrincado de construções discursivas e ideológicas que Pinho (1998) designará “ideia de Bahia”, a baianidade. Não nos deteremos mais neste ponto, na medida em que ainda faz-se necessário compreender o cenário em que as piadas sobre baiano ganharão “corpo”.

Em defesa de sua análise, Mariano (2009) sublinha a necessidade de investigar o cenário em que se articulam tais representações, a cidade de Salvador do início do século XX, o centro urbano do Estado da Bahia²⁷ até hoje:

Nas primeiras décadas do século XX, numa cidade que pouco crescia espacial, econômica e populacionalmente, tudo remetia ao século XIX: o ritmo de vida, a perpetuação das relações, a divisão de renda, a imobilidade social. **Por isso, a letargia é uma palavra tão usada para descrever esse período.** (MARIANO, 2009, p.13, grifos nossos)

Para a autora, o ritmo da cidade daquela época era “regido pelo mar (...) pela **lenta, tranquila e acolhedora** Baía de Todos os Santos” (MARIANO, 2009, p. 27, grifos nossos). As palavras utilizadas pela autora são as mesmas encontradas nas obras de Jorge Amado²⁸ e que não se opõe às referências utilizadas nos textos humorísticos. A recorrência com que esses adjetivos estão presentes na representação do cenário baiano é justificada pela autora em função do atravessamento de outros discursos construídos há alguns séculos:

Muitos anos antes, no séc. XVI, foi essa mesma combinação de lentidão, tranqüilidade e, conseqüentemente, a sensação de acolhimento e segurança provocada pela natureza local, o principal motivo da escolha deste sítio como sede da capital colonial. (MARIANO, 2009, p. 27-28)

Soma-se a isso a conjuntura econômica de desalento vivida em Salvador até a chegada da Petrobrás (momento inaugural da industrialização no estado, promovendo uma alteração sensível na rota migratória do interior do estado para outras regiões do país). Para Guimarães (2000):

²⁷Nessa época, era comum a cidade de Salvador ser chamada de “Bahia” tamanha era a sua representatividade dentro do estado.

²⁸A esse respeito, ver, p.ex., “Bahia de Todos os Santos” (1973) do referido autor.

Esses imigrantes serão, em São Paulo e no Sul, principalmente, chamados de baianos. Sem serem mulatos, eram mestiços e acabocladados, igualmente baixos, cabeças chatas, pobres e analfabetos ou semi-analfabetos. Era o tipo de gente que o brasileiro do sul não gostaria que fosse brasileiro - o seu Outro rejeitado, ou o seu outro brasileiro. Mas, menos que o tipo físico, era todo um Brasil antigo, que era rejeitado, tal como a Bahia o fora: o Brasil da Casa-Grande, dos coronéis, da oligarquia, da agricultura de subsistência, da fome, do flagelo das secas. O Brasil que o sul odiava ser. (GUIMARÃES, 2000, p. 04)

Vivendo do trabalho informal, sem muitas aspirações, restava ao baiano encontrar um cenário onde houvesse a circulação do capital. Esse trabalhador desqualificado, pouco instruído, que parte em direção aos centros econômicos do país (mais precisamente São Paulo) representará um duplo movimento que aqui propomos distinguir da seguinte maneira:

- no primeiro momento, o processo histórico de migração dos baianos em busca de trabalho sublinhará a “preguiça” como a representação mais comum do baiano em piadas (i.e., a “preguiça” emerge como uma característica de destaque do baiano que se diferencia pelo sotaque “de fora”, que ocupará em grande parte postos de trabalho mal remunerados etc.). Em outras palavras, apesar de outras características estarem presentes nas piadas sobre baiano, como vimos no capítulo 1, parece-nos que a preguiça assume uma posição central como mote dessas piadas. Trata-se de uma representação feita pelo Outro;

- por outro lado, este discurso construído a partir dos movimentos migratórios será substituído gradativamente pelo “discurso de baianidade”, um processo de identificação elaborado no próprio território baiano, funcionando como uma ideia de nação, em que a própria articulação da “preguiça” ganhará uma nova significação: em vez da prostração (um defeito associado ao baiano preguiçoso), uma “escolha bem feita” (uma qualidade que só os baianos possuíam). Trata-se de uma representação construída e propagada pelos próprios baianos e sublinhada por sociólogos (RUBIN, 1988), antropólogos (RISÉRIO, 1988, 2004; PINHO, 1998) e historiadores (MOURA, 2005), como veremos mais adiante na seção 2.2.

Há aqui o atravessamento do *histórico* pela *retórica*. Explicamo-nos: no primeiro caso, sendo a Bahia um território sem oportunidades, o que determinará o fluxo de migração em massa em direção à região sudeste do país, a representação do baiano preguiçoso seria a “evidência” de um *simulacro*²⁹. Em contra partida, no segundo caso, a nomeação da preguiça ganhará uma nova significação, positiva, partilhada entre baianos, que será intitulada de “baianidade”. Uma perspectiva já defendida por Zanlorenzi (1998):

Ao nominar o outro como preguiçoso, estamos conferindo a ele um atributo de negatividade: falta-lhe a vontade de trabalhar, é um “corpo mole”, “gosta da vida mansa”. Mas a preguiça também aparece como um discurso elogioso, afirmado por certos segmentos baianos que se regozijam por não serem iguais aos que acusam de indolência. Assumem a preguiça como adjetivo da diferença. Não é uma preguiça qualquer. É a preguiça baiana, pontual, exclusiva. (ZANLORENZI, 1998, p. III-IV)

Haveria, portanto, dois espaços marcados pela preguiça: o “de fora”, que acusa os baianos de indolência, e o “de dentro”, que tem um duplo significado: a fala da elite baiana, que endossa a idéia de que baiano é indolente, e o pronunciamento de uma parcela de baianos que [se] regozija em dizer que é preguiçosa, afirmando que a preguiça é uma forma peculiar de estar no mundo. (ZANLORENZI, 1998, p. 31)

Diante da concentração de significados históricos sugeridos nas piadas sobre baiano (sobretudo o estereótipo da preguiça e da morosidade), surge outro problema: o que faz com que o estereótipo da preguiça não seja o único a ser reatualizado como a representação do baiano em piadas? Dito de outra maneira, diante das tensões presentes em meio ao humor construído a partir de diferentes estereótipos (alguns não raramente encarados como traços que denunciam uma suposta inferioridade do baiano), como as representações humorísticas do estereótipo de baianidade se constroem em meio aos discursos reacionários e ao preconceito, ou seja, como a história e a ideologia são mobilizadas no interdiscurso, revelando as tensões em tal discurso humorístico?

²⁹É o caso, por exemplo, da representação da mulher em piadas de loiras discutida por Franchi (2010), em que a autora conclui que a “representação da loira como uma mulher *burra e “fácil”* é o simulacro da mulher *bem-sucedida e independente* que vem conquistando o seu espaço social. Analogamente, a representação do homem como *incompetente (principalmente no campo sexual) e inferior (em todos os sentidos)* é o simulacro do homem *dominador e superior como gênero*, que ainda encontra espaço em nossa sociedade.” (ibid., p. 155)

Por fim, é possível defender a hipótese de que a representação do baiano pode ser concebida em função do funcionamento interdiscursivo construído por um *discurso de baianidade* que se sustenta, sobretudo, pela representação simbólica positiva que o baiano mantém com o trabalho – uma representação (um posicionamento?) contrário ao representado na maioria das piadas em que o baiano é representado como preguiçoso.

2.2 BAIANIDADE À VISTA!

*Gente que tira alegria da dor
No baticum do batente
Todas as cores de gente
Contas de todos os guias
Uma nação diferente
Toda prosa e poesia
Tudo isso finalmente só se vê
Só se vê na Bahia*

(Música de Jorge Portugal e Roberto Mendes, “Só se vê na Bahia”, 1999)

É comum encontrarmos em trabalhos de sociólogos (RUBIN, 1988), antropólogos (RISÉRIO, 1988, 2004; PINHO, 1998) e historiadores (MOURA, 2005), a referência ao termo Baianidade enquanto “ideia de Bahia” ou “jeito de ser baiano”. Trata-se, portanto, de um espaço de significações irregular, em que discursos se entrecruzam e definem as condições históricas que os determinaram. A maior ou menor divulgação de uma representação do baiano envolve, como veremos, marcas de ordem histórica exploradas neste ou naquele discurso. No caso das piadas, seria a hipótese da representação do baiano predominantemente associado à preguiça. O que impõe a apresentação das condições históricas de produção desse discurso, sem a qual a análise das piadas fracassaria.

De fato, adentrar as artimanhas da imagem de indolências, do ócio e preguiça é um convite a descortinar vários aspectos do real e de suas interações com múltiplos planos simbólicos, que vão tecendo, revelando e recriando uma trama bem complexa de relações sociais. (ZANLORENZI, 1998, p. 48)

Diante disso, é imperioso investigar as condições de produção e de formação dos discursos em piadas sobre baiano, sobretudo no que diz respeito à hipótese de a representação do baiano reduzida ao estereótipo da preguiça se contrapor ao “discurso de baianidade” tão propagado pelas agências de turismo e marketing (também possivelmente explorado nas piadas sobre baiano), articulando, assim, um *simulacro*. Não podemos, entretanto, explorar essa rubrica (baianidade) sem antes descrever e interpretar o modo como esse discurso se constrói. Afinal, consideramos que o tema da preguiça não raramente é evocado nas piadas sobre baianos como a representação de “baianidade”. Mas o que estaria na base da caracterização desta baianidade? E em que ponto ela se relaciona com as demais representações observadas em piadas sobre baiano?

Até aqui, consideramos a preguiça como a representação mais comum entre as representações estereotípicas associadas aos baianos nas piadas. Observamos, mesmo que sumariamente, que, apesar de predominante, esta representação agrega (e propõe) novas direções em relação ao modo de representar o baiano. Trata-se de enunciações generalizantes que, aparentemente, recorrem à preguiça como representação estereotípica central, mas que não deixam de recorrer a outras representações.

Representações essas que, por vezes, confundem-se com o discurso proposto pelas máquinas midiáticas e do turismo, reduzindo os estereótipos ao rótulo *baianidade*: um arsenal simbólico sintetizado por diferentes discursos (religioso, cultural, político etc.) construídos dentro e fora da Bahia. Um objeto de estudo também investigado por sociólogos, historiadores, filósofos e antropólogos baianos e não-baianos, em função do conjunto de propriedades que agrega. O que abre espaço para um questionamento: o que seria esse *discurso de baianidade*? Um imaginário coletivo que aqui nos propomos investigar, observando as teses propostas pelo campo da ciência e, por conseguinte, a influência produzida fora dela. Antes, porém, é imperioso sublinhar o porquê dessa análise.

Afirmamos que as representações imaginárias de baiano *preguiçoso* se articulam pela oposição à representação de outras identidades representadas como trabalhadoras. Representações contrárias que eventualmente podem comparecer em uma piada, como propõe Possenti (2004). Contudo, sublinhamos também que as representações do baiano *preguiçoso* podem ser concebidas em oposição à representação do baiano *trabalhador* construída pelo imaginário social do baiano – como observado na epígrafe desta seção³⁰ – aqui nomeado de “discurso de baianidade”.

Em outras palavras, a representação negativa atribuída pelo Outro (o simulacro de baiano preguiçoso) se articularia sob a representação atribuída (e assumida) pelos próprios baianos (o simulacro do baiano trabalhador). Uma concepção que dificilmente compareceria nas piadas: as piadas tendem a rebaixar aquele que é o objeto do riso como defende Bergson (2007 [1899]). O que não nos impede de propormos que a representação estereotípica (digamos, “primeira”), sustentada pelo estereótipo da preguiça baiana, é atravessada pela representação sustentada sobre/pelos baianos em relação à sua imagem/identidade trabalhadora. É essa perspectiva que aqui insistimos analisar, o “discurso de baianidade”, sobretudo por esse discurso ser articulado na mesma época em que as migrações em massa do interior da Bahia (e do nordeste) em direção ao sudeste brasileiro, portanto, na mesma época em que surgem provavelmente as primeiras piadas sobre baiano.

Essas observações parece-nos melhor compreendidas quando observamos a dificuldade em obter um consenso em torno da noção de baianidade. Em Pinho (1998) encontramos a expressão baianidade apresentada como “ideia de baianidade”:

Sob a rubrica de Idéia de Bahia está reunido um arsenal simbólico que se mobiliza de diversas formas, pragmaticamente e em função das posições de poder específicas sustentadas pela cena político-cultural que se apresenta como hegemônica. A Idéia de Bahia conforma uma densa rede cultural que dá sustentabilidade a práticas discursivas e que se reitera constantemente através de suas "mutações": como gosto estético que orienta o consumo, **como verdade essencial sobre a natureza do "povo" baiano, como mito de origem da propalada e celebrada diferença cultural da Bahia**, como *ethos* político de um "povo" (encarnado na figura de seus governantes) etc. (PINHO, 1998, p. 4) (Grifo nosso)

³⁰ Seja pela referência à dor (“*Gente que tira alegria da dor*”), seja pela referência ao trabalho (“*No baticum do batente*”), as canções populares sempre foram um meio de destacar a relação que o baiano mantinha com o trabalho e as condições precárias que o tornavam mais difícil, doloroso. A esse respeito, ver Mariano (2009).

A tese do sociólogo sublinha o caráter amplo que acompanha a rubrica “baianidade”. Sua afirmação procede a um exame detalhado das peculiaridades que, ao longo dos anos – desde o fim da escravidão, passando o período de guerras e reformulações na política brasileira (e mundial) –, determinaram as “mutações” ocorridas na Bahia e no seu “povo”. Com efeito, a rubrica baianidade será também definida levando em consideração a sua característica que lhe torna mais peculiar: o atravessamento por diferentes discursos, como a defendida por Guerreiro (2005):

Não se pode, portanto, reduzir a “baianidade” a uma única representação ou perspectiva. Talvez seja mais rico falar em “baianidades”. Há uma baianidade que é a experiência concreta das pessoas que interagem em Salvador e seu Recôncavo, ou seja, o ser e estar do baiano em sua vida cotidiana (assim como há mineirismo, gauchismo, carioquismo). Há ainda a construção política de uma diferença regional e local. Há a baianidade que se delinea no mundo das artes, na literatura, música, dança, artes plásticas, expressões culturais que estão ancoradas nesta mesma vida cotidiana. E há a imagem turística que se apóia na interface dessas várias perspectivas (GUERREIRO, 2005, p. 15).

Haveria assim, sobre a rubrica da baianidade, a organização de um imaginário heterogêneo baseado em representações construídas sobre o “mito” de uma “autenticidade cultural”. Um mito em que se entrecruzam discursos científicos e não-científicos, como o depoimento de um(a) turista que supostamente visitou a “Bahia” (neste caso, um termo intercambiável com a cidade de Salvador):

(27) *Se em Nova York os turistas não resistem às camisas que proclamam "I HEART NY", na Bahia a coisa vai mais longe: vi alemães grandalhonas, absurdamente branquelas e de olhos azuis exibindo tererês nos cabelos e fitinhas do Senhor do Bonfim nos pulsos. E esta era uma visão extremamente comum - a de turistas que se soltavam, abraçavam sua **baianidade** interior e mergulhavam **naquela cultura** até que esta conseguisse alterá-los um pouquinho.* (texto publicado no blog cinemaemcena.com.br) (Grifos nossos).

Sublinhamos de imediato que essa relação interdiscursiva é constitutiva da rubrica *baianidade*, de modo que esta se articula não só pela relação que mantém com outras palavras em um enunciado, mas, sobretudo, através da relação que mantém com outros enunciados

possivelmente produzidos em diferentes espaços discursivos. Nessa perspectiva, é possível compreender, por exemplo, o porquê da construção de enunciados como “Ó, *paí*, ó: **Baianidade dá IBOPE**” (Estadão, 07/11/2009) ou “*Globo faz Baianidade cansada de guerra*” (Folha de São Paulo, 28/11/2002).

Nessa concepção, a “baianidade” (ou “ideia de baianidade” como defende Pinho (1998)) delimitaria, em um mesmo movimento, o fechamento de uma “identidade” e um distanciamento sobre o restante do Brasil. Trata-se de mais um exemplo do funcionamento das representações imaginárias. Com efeito, a rubrica “baianidade”, quando apresentada pela fala pública, será eventualmente atravessada pelo discurso científico, um ponto em que aqui não nos deteremos, mas que abre espaço para futuras pesquisas.

Antes de concluirmos esse capítulo, impõe-se a seguinte observação: se afirmarmos que o discurso sobre o baiano (ou simplesmente a rubrica baianidade) é fundamentalmente caracterizado pelo estereótipo da preguiça, torna-se imperioso investigar os elementos anteriores e independentes³¹ que atravessam essa representação e que determinam a articulação de diferentes posicionamentos (ou formações discursivas). Posicionamentos estes que além de serem atravessados pelo Outro, convivem lado a lado, alternando-se (ora a partir da representação negativa da preguiça, ora sublinhando a representação do trabalho). Nesse caso, essa relação é caracterizada pelo funcionamento da contradição³²: não há em cada posicionamento um discurso homogêneo, ao contrário, parece-nos que o discurso da preguiça reconhece o seu Outro, o discurso do trabalho, e vice-versa. Essa contradição ideológica ao passo que os une, divide-os, o que nos faz pensar que o *discurso de baianidade* seja uma *unidade dividida*³³, na medida em que engloba essas particularidades. A presença da contradição é recorrente nesse discurso, apesar de não ser o nosso objeto de análise.

Enfim, dadas as condições históricas de produção e sem resolver a questão da definição em torno da rubrica “baianidade”, defendemos que, paralelo aos eventuais simulacros que comparecem nas piadas sobre baiano, será sobre o discurso elogioso da baianidade, aparentemente definido (e defendido) por baianos e não-baianos, que foram (e continuam sendo) articulados os diferentes estereótipos que, em um primeiro momento, foram sustentados pela

³¹Segundo Courtine (2009, p. 11), trata-se da produção de um “esquecimento do interdiscurso”.

³²Pêcheux (1975) defenderá que a contradição como constitutiva das próprias formações discursivas.

³³Uma caracterização defendida por Courtine (2009).

representação da preguiça (representação possibilitada por um viés histórico que o determina), mas que, ao longo dos anos, têm sido reatualizados.

CAPÍTULO III – O RISO, O HUMOR E O “POLÍTICO”

3.1 (DISCURSOS SOBRE) O RISO

“Nossa alegria não está muito longe da derrisão”
(Quintiliano em “Institutio Oratoria”)

Apesar de distintos, tanto o humor quanto o riso merecem nossa atenção: o modo como foram e continuam sendo teorizados permite-nos sublinhar algumas aproximações como o que, na atualidade, tem sido chamado de politicamente correto. Assim, muito embora o riso não seja nosso ponto central de análise, propomos levantar algumas breves considerações que se aproximam dos discursos reacionários associados a uma suposta interpretação do preconceito nas piadas sobre baiano.

Desde a Grécia antiga, o riso desafiava os filósofos. Antes do interesse pelas anedotas, o riso parece ter sido o centro das atenções: por muito tempo, o riso foi tratado como um instrumento da retórica, uma forma de se impor perante o seu adversário, um signo de vitória, ironia, sarcasmo³⁴. Isso não impediu, porém, que o riso fosse abordado de outras maneiras, por outras disciplinas com diferentes objetivos e análises. Durante esse período, o riso foi objeto de estudo de filósofos, médicos e “pensadores”, frequentemente caracterizado como um “enigma”, um conhecimento “além do saber”.

Detenhamo-nos, neste momento, nas principais significações inicialmente atribuídas ao riso: o escárnio, a zombaria, o ridículo etc. Estes foram alguns dos substantivos que marcaram a trajetória das teorias sobre o riso até o iluminismo. Durante muitos séculos, grande parte dos “filósofos do riso” admitia que “rir de alguma coisa” advinha do ridículo e o próprio ato de rir era encarado como um traço de superioridade³⁵.

Durante a antiguidade, o discurso persuasivo explorou o riso como uma arma em debates políticos e jurídicos, justificando o traço de superioridade investido sobre o riso defendido por

³⁴ A esse respeito ver Minois (2003), obra em que há uma extensa descrição da história do riso.

³⁵ Cf. Skinner (2002).

alguns filósofos da época. Para Demócrito, riam os tolos: considerava-se mais inteligente que os demais – “O sábio sabia mais que os tolos concidadãos, que pensavam ser sensatos” (GEIER, 2011, p. 152). De encontro à perspectiva de Demócrito, Platão caracterizou como ridículos àqueles que se consideravam sábios e perfeitos. Nesse embate, o autor sublinha o comportamento arrogante e zombeteiro com que Demócrito tenta ser superior ao seu “oponente”. Já na obra de Quintiliano, “*Institutio Oratoria*”, encontra-se uma explicação de “como falar e escrever num tom zombeteiro” (SKINNER, 2002). A dialética e o riso estavam atravessados um pelo outro durante essa época. Apesar disso, Geier (2011) defende que foi a caracterização do ridículo como representação desfigurada, teatral, proposta por Aristóteles, que perdurou por toda a filosofia antiga.

Séculos depois, durante a Renascença, a “teoria da superioridade” também foi defendida por Thomas Hobbes para quem o defeito ou o erro da outra pessoa era motivo de satisfação e superioridade. Em seu levantamento sobre a(s) teoria(s) clássica(s) do riso construída(s) ao longo da história, Skinner (2002) defende que Thomas Hobbes teria sido influenciado pelas teorias clássicas. É esta observação que justificará a investigação sobre os temas mais presentes na proposta de Hobbes sobre o riso, sua relação com a retórica, as emoções que são evocadas e suas possíveis motivações. Para tanto, apresenta um dos pontos relevantes da relação entre o riso e ideologia observada em Hobbes: “...a sugestão básica de Hobbes é que o riso expressa a sensação, alegre e desdenhosa, da nossa própria superioridade” (SKINNER, 2002, p. 56).

Skinner defende o fato de Hobbes concordar com as características do riso defendidas pelos escritores renascentistas (p.ex., o escárnio diante dos vícios específicos), acrescentando-lhes a necessidade do inesperado, da surpresa como provocadores do riso: “Seja o que for que provoque o riso, deve tratar-se de algo novo e inesperado” (HOBBS *apud* SKINNER, 2002, p. 65). Porém, os “vícios” apresentados pelos escritores renascentistas são os pontos explorados por Hobbes: a vanglória, a avareza e a hipocrisia. Para Skinner, esses vícios são o objeto central de Hobbes:

“São os vícios do orgulho e da vanglória, especialmente quando aparecem aqueles que ironicamente elogia como célebres escolásticos, que ele ataca no livro 4 sob o título “Vã filosofia”. É a avareza do clero que ele satiriza na sua argumentação fulminante sobre a “proveitosa” doutrina do purgatório. E é a hipocrisia do clero que ele espiritualmente

nos obriga reconhecer, quando compara o corpo escolástico a um reino de fadas”. (SKINNER, 2002, p. 65-66)

É esse atravessamento histórico que determina a teoria de Hobbes, distinguindo-o dos teóricos clássicos. Trata-se de uma determinação histórica fundamental para a compreensão da teoria proposta por Hobbes e que justifica a defesa de que as mudanças de perspectiva diante do fenômeno do riso são possibilitadas pelo movimento histórico que as determinam. É o que é possível observar nas teorias propostas, na mesma época, por René Descartes.

Geier (2011) afirma que Descartes defende que é uma qualidade do homem honesto dar uma aparência agradável à situação que está “ridicularizando”. Com isto, haveria uma passagem do ridículo ao cômico. É o que sublinha Geier:

Com o início do Iluminismo, o *good humour* entrou no lugar do riso escarnecedor e superior. Assim, a diferenciação entre rir sobre [*about*] algo e rir desprezivelmente de [*at*] algo, e com isso também entre cômico e ridículo, ganhou um substancial significado para a filosofia do humor. (GEIER, 2011, p. 155)

A teoria da superioridade perdeu o seu “poderoso poder de esclarecimento” (GEIER, 2011, p. 156). A teoria do riso deixa uma lacuna, a necessidade de um novo “fundamento filosófico”. Eis que surge uma nova palavra de ordem que substituiria a palavra “superioridade”: “*Incongruity*” (incongruência), como sublinha Geier na mesma página de seu ensaio. As explicações para o riso passaram a ser atribuídas ao contraste e à contradição. É o que ressalta Geier a partir de uma das primeiras explicações, proposta por Francis Hutcheson (1694-1746):

Rimos principalmente quando os elevados ideais das sublimes grandeza e dignidade, da santidade e perfeição [*grandeur, dignity, sanctity, perfection*] se misturam às noções de inferiores da mesquinha, infâmia e do profano [*meanness, baseness, profanity*] (...) esse riso não surge “do nosso senso da superioridade” (“*from our sense of superiority*”) e sim da cômica “oposição de ideias de dignidade e mesquinha”. (GEIER, 2011, p. 157-158)

A “humanidade satânica” atribuída ao riso pelos filósofos anteriores ao século XVIII será substituída por outra palavra-chave que pode ser caracterizada pela denominação proposta por

Kant: “contraste insuspeito” (GEIER, 2011, p. 158). Ao logo dos séculos XIII e XIX, uma grande variedade de autores (entre eles, Kant, Schopenhauer e Bergson etc.) dedicaram-se a propor uma *teoria do riso*. Alberti (2002) afirmará que todos eles recuarão até a Antiguidade, em uma tentativa de recomeçar do zero, ignorando as tentativas de seus contemporâneos.

Essa mudança no panorama discursivo centrado no riso é menos importante do que a observação das suas determinações históricas que aqui, mais uma vez, não podemos deixar de sublinhar: no caso dos escritores renascentistas, mais precisamente, a influência (e as determinações) da igreja católica sobre o pensamento da época. Sem essa observação, não seria possível identificar as motivações que levaram cada teórico a propor e encarar o riso a partir de um novo problema, de uma nova perspectiva. Talvez seja essa exclusão da história na compreensão do fenômeno do riso que tenha permitido com que seus sucessores defendessem a existência de lacunas em suas teorias e que, talvez, justifique o fato de alguns “teóricos do riso (e do humor)”³⁶ a desprezarem, apontando uma nova problemática. Em um sentido inverso, esta problemática parece ter atraído a atenção dos estudiosos do riso³⁷.

Nas últimas décadas, é possível encontrar um grande número de publicações em torno do tema do riso em periódicos³⁸ e em conferências. É o que sublinha Minois (2003) nas primeiras páginas de seu grande ensaio sobre a história do riso e do escárnio:

Nos dez últimos anos, o interesse pelo riso atingiu o auge, e isso em todas as disciplinas. Para nos atermos a História, não se passa uma semana sem que um livro, um artigo, um programa de rádio, um colóquio ou uma conferência trate do riso nessa ou naquela época, nesse ou naquele meio (ibid, p. 15).

A relação que o riso mantém com o social, o histórico e o psicológico passaram a despertar a atenção de diferentes disciplinas. É possível afirmar que tamanha atenção explica-se pela grande possibilidade de efeitos do riso (sarcástico, agressivo, amigável etc.). Uma fascinação

³⁶ É o caso do ensaio de Pirandello (1908) que discutiremos na sessão seguinte.

³⁷ Consideramos os trabalhos de Macedo (2000) e Minois (2003) dois bons exemplos de estudos dedicados à investigação das determinações históricas sobre o riso. Minois (2003) empreende uma extensa análise que se inicia na Antiguidade Clássica e termina na análise dos textos do início deste século. Já Macedo (2000) desenvolve uma excelente pesquisa histórica sobre o funcionamento do riso na sociedade medieval.

³⁸ É o caso, por exemplo, do jornal norte-americano “Humour international Journal of Humour Research” e a revista francesa “Humoresques”.

que repercute em diferentes teorias que possivelmente retratam as determinações de cada época e motivam uma releitura incessante.

É impossível relatar todas as nuances das contribuições teóricas sobre o riso. Ciente disso, propomos uma investigação mais detida sobre alguns dos mais famosos ensaístas a respeito do riso. Todos esses “discursos sobre o riso”³⁹ perpassaram séculos e sociedades, diferenciam-se um dos outros pelo modo como são interpretados e analisados. Entretanto, esses discursos desconsideram as determinações históricas subjacentes às inúmeras teorias propostas. Dispensamo-nos de apresentar uma bibliografia mais vasta sobre o riso: devido ao grande número de obras, qualquer seleção seria demasiadamente seletiva por negligenciar tantas outras e, por conseguinte, acabaria por ser redutora, mas, sobretudo, porque esses ensaios excluem suas determinações históricas. Por outro lado, é importante destacar o fato de que os inúmeros tratados e ensaios, cada qual a sua maneira, sublinham que (o discurso sobre) o riso tem um lugar privilegiado em todas as sociedades. Em outras palavras, “Estudado com lupas há séculos, por todas as disciplinas, o riso esconde seu mistério.” (MINOIS, 2003, p. 15).

Não desconhecemos o fato de que dissertar sobre o riso tem representado uma inquietação da/na sociedade. Ao contrário, apoiamo-nos nesse paradigma. Afinal, o que motivou que algumas sociedades reprimissem o riso durante a idade média? O que fez com que o riso fosse encarado com uma forma de se superiorizar perante o outro? Em outras palavras, na medida em que consideramos o riso como o *real do humor*⁴⁰, o inapreensível, as próprias teorias sobre o humor parecem esconder a ordem que as determinam. São essas determinações ideológicas (e, portanto, históricas) – nem sempre apresentadas nas teorias sobre o riso – as questões centrais que merecem maior atenção e análise das disciplinas que tem se dedicado a investigar o riso. No nosso caso, uma breve explanação dessas teorias sobre o “riso” permite-nos conhecer as bases que determinaram o modo como o “humor” – nosso foco analítico – também fosse pensado, e, por outro lado, permite-nos analisar o modo como os estereótipos mais comuns explorados em

³⁹ A nomenclatura das teorias do riso como *discursos sobre o riso* explica-se pelo fato de a história do riso se confundir com a própria história da teoria sobre o riso, como propôs Minois (2003). Trata-se, sobretudo, de um deslocamento do ponto de vista de nossa análise.

⁴⁰ Consideramos o *real do humor* uma oposição à concepção do “humor” enquanto um *objeto-de-conhecimento*, um objeto teórico construído pela ciência tal qual o conhecemos. Portanto, o real do humor seria o inapreensível, o que escapa a qualquer tentativa de apreendê-lo em uma teoria.

textos humorísticos atravessam o funcionamento de textos não-humorísticos. É o ponto que brevemente analisaremos a seguir.

3.2 UM CASO DE INTERINCOMPREENSÃO?

Em um pronunciamento, datado de janeiro de 2011, da cantora Gal Costa na rede social *Twitter*, ficou registrado o seguinte enunciado:

- (28) “Como na Bahia as pessoas são **preguiçosas**! Técnico do ar-condicionado ã pode terminar o **trabalho** pq está com dor de cabeça. Essa é a Bahia!!!” (Disponível em: <http://www.atarde.com.br/noticia.jsf?id=5676045>. Acesso em: 15 nov. 2011, grifos nossos)

O pronunciamento da cantora surpreende pelo impacto que a rubrica preguiça associada ao baiano exerce sobre o imaginário coletivo. Um enunciado que acabou virando destaque em um jornal de grande circulação no estado da Bahia, “A tarde”, com uma matéria intitulada “*Gal Costa deixa Twitter após chamar baianos de preguiçosos*”. Diante disso, optamos por analisar, mesmo que brevemente, alguns dos enunciados observados no site do Jornal baiano, mais precisamente na seção reservada aos comentários dos leitores. Ressaltamos que não é possível aqui analisar sistematicamente esse pequeno *corpus*. Logo, trataremos apenas dos enunciados considerados mais representativos. Propomos a divisão de dois grupos de enunciados em função das posições antagônicas que defendem. Assim, teremos de (29) a (32) os enunciados contrários ao pronunciamento da cantora:

- (29) Com todo o respeito, mas ela é uma pessoa pública e, como tal, não deve se expor assim. Agora **preguiçosa** é ela, que ninguém nem vê mais fazendo shows. Como muita gente

que sobe na vida, esta simplesmente menospreza sua **terra de origem, seu povo.** (19/01/2011, N.F., grifos nossos)

- (30) Lamentável o comentário de Gal Costa, pois serve apenas pra reafirmar um **preconceito. Preguiçosos** existem em qualquer lugar. Acho que o que acontece na Bahia é decorrente da falta de educação formal, treinamento, oportunidade para profissionalização das pessoas para que elas possam se enquadrar nos modelos modernos de serviços. (B. S., 23/01/2011, grifos nossos)
- (31) **Eu acho que ela foi infeliz com o comentário, mesmo ela sendo baiana.** Mesmo que tivesse dito por "brincadeira" ainda assim, seria errado. Pois os baianos trabalham tanto(ou até mais) do que cidadãos de outros estados. Sim, ela é baiana e uma pessoa conhecida no Brasil e mundo. Mas esse comentário dela, foi muito infeliz. (F.B., 19/11/2011, grifos nossos)
- (32) Essa mania de dizer que a Bahia é a **terra da preguiça...** Deixe a gente aqui, sabemos viver. Cambada de **racistas!** (J.R., 19/01/2011, grifos nossos)

De outro lado, de (33) a (36) os enunciados em defesa ao pronunciamento da cantora:

- (33) Gal Costa está com toda razão, somos realmente **preguiçosos**, tudo é motivo pra faltar o **trabalho** ou até mesmo um **compromisso**. Uma vergonha essa situação. (S. C., 26/01/2011, grifos nossos)
- (34) Deselegante, sim. É, pessoal... ela não falou uma mentira heheh. Vamos combinar. Fui criada em Salvador desde criança, amo Salvador como se tivesse nascido e **saio em defesa da 'minha' terra** quando alguém fala mal mas não dá p ficar tapando o sol com a peneira inclusive porque só se transforma quem assume que precisa de transformação. Negar esse '**particularidade**' parece que não queremos enxergar o óbvio. **Comprometimento** é o sentimento que precisamos aprender urgentemente. (L.K.,23/01/2011, grifos nossos)
- (35) A **verdade** dói, mas liberta!! (M. R., 24/01/2011, grifo nosso)

- (36) Falar a **verdade** às vezes custa caro em um país que estão acostumados com as mentiras e a puxação (sic) de saco. A cantora realmente tem razão aqui na Bahia para se trabalhar é maresia agora para se correr atrás de trio e fazer **festas** o povo nunca esta com dor de cabeça. **Eu sou baiano e falo porque é a verdade**. Garanto que o técnico deve ter ido curar a dor de cabeça num bar ou na praia dançando a música da liga da justiça. (D.B, 19/01/2011, grifos nossos)

Não são poucos os pontos que podem ser sublinhados: a queixa da cantora frente ao problema da prestação de serviço, a falta de profissionalismo etc. Contudo, centremo-nos no seguinte funcionamento: o modo como as palavras em contraste (preguiça/trabalho) são utilizadas a partir de outras formas de designação (e.g., preguiça = preconceito (30), racistas (32), particularidade (34) / trabalho = compromisso (33), comprometimento (34)). Da mesma forma, sublinhamos a regularidade com que a palavra “verdade” relaciona-se com a preguiça baiana ((35) *A **verdade** dói, mas liberta!* / (36) *Falar a **verdade** às vezes custa caro...*). Se a designação de “trabalho” não opõe significações contrárias, o mesmo não pode se afirmar em relação à preguiça: a designação “preconceito” concorre com a designação “particularidade”. Logo, apesar de se opor à palavra “trabalho”, o sentido atribuído à “preguiça” é o nó central do enunciado: uma palavra aparentemente “sedimentada” no imaginário coletivo como uma “verdade”, como vemos em (35) e (36).

A ressalva fica por conta de um comentário também publicado na seção destinada a comentários do jornal. Trata-se de uma paráfrase de alguns posicionamentos que encontramos ao longo da organização desse pequeno *corpus*:

- (37) Nada mais equivocado. Porque o povo baiano não é nem nunca foi preguiçoso. Isso, aliás, está **provado cientificamente**. Em tese defendida na USP, a antropóloga Elisete Zanlorenzi sustentou que o baiano é muitas vezes mais eficiente que o **trabalhador** das outras regiões do Brasil e contestou a visão de que o morador da Bahia vive em clima de **festa** eterna. Pelo contrário, é justamente no período de **festas** que o baiano mais **trabalha**, atuando no mercado informal. (H. R., 02/02/2011, grifos nossos)

Diferentemente dos demais, neste enunciado, o posicionamento contrário à afirmação da cantora Gal apela para o discurso científico, mais precisamente uma tese. Não se trata mais de um imaginário difundido, mas de um deslocamento para o campo da ciência (“*Isso, aliás, está provado cientificamente*”). Opera-se, assim, com outro domínio, estabelecendo outras relações de poder – os demais leitores do jornal não questionaram (nem dialogaram com) o enunciado (23), por sinal, o último enunciado registrado na seção do jornal. A especificidade da argumentação opera com o esquecimento que contrapõe, nos enunciados de (29) a (36), o emprego da rubrica “preguiça” como um pré-construído. Para tanto, o enunciado (37) encerra a discussão colocando em evidência dois semas comuns na representação do baiano /festa (festeiro) vs trabalho (trabalhador)/ como uma das defesas possivelmente apresentadas na tese de Zanlorenzi.

Após os 150 comentários publicados neste único jornal (outros meios de informação possivelmente representarão um “prato cheio” para um analista), a cantora proferiu seu último *post* no “Twitter”:

- (38) “Gente, chega! Acabou o assunto da **preguiça**. Ñ se pode falar nada aqui q tudo vira **polêmica**. Sou baiana e falo pq posso. Vou sair. Tchau.” (Disponível em: <http://www.atarde.com.br/noticia.jsf?id=5676045>. Acesso em: 15 nov. 2011, grifos nossos)

Neste enunciado, a estratégia utilizada respalda-se no fato de a enunciativa ser baiana (“*Sou baiana e falo pq posso*”). O que parece ser contestado em (31) – “*Eu acho que ela foi infeliz com o comentário, mesmo ela sendo baiana*” – é defendido em (36) – “*Eu sou baiano e falo porque é a verdade*”. Neste último, assim como a cantora, o interlocutor estaria “credenciado” a criticar e, por sua vez, a não ser alvo de tantas críticas. Ora, é comum encontrar manifestações do tipo “só quem pode falar mal do meu país sou eu” (o mesmo aconteceria se fossem com filhos, time do coração, instituições...), como vemos em (29): “*seu povo*”. Além disso, o próprio interlocutor admite a presença da *polêmica*. Uma presença constitutiva do próprio *processo discursivo* que aqui organizamos como duas redes de posicionamento (duas *formações discursivas*), uma noção que nos deteremos aqui brevemente.

Proposto por Foucault (1969), o conceito de *formação discursiva* (doravante FD) é um o conceito fundamental, apesar de ainda polêmico para a AD. Caracterizada por Pêcheux como o que determina “o que deve e pode ser dito”, a noção de FD é fundamental, na medida em que se constitui através do interdiscurso – o que se explica pelo próprio interesse da AD: analisar o funcionamento discursivo, sublinhando os trajetos interdiscursivos que determinam os efeitos de sentido. Aqui, parece-nos importante destacar que o uso desse conceito poderia ser explorado nesse caso. Contudo, não é de nosso interesse nos aprofundarmos nas diferentes formações discursivas envolvidas em torno desse discurso.

Destaquemos de imediato que a noção de FD aqui adotada corresponde à proposta por Pêcheux (1975) segundo a qual a própria heterogeneidade constitutiva dos discursos impõe às FDs um caráter heterogêneo que não pode ser desconsiderado, pois se depara com FDs interligadas a outras FDs. E o mais importante: torna possível encarar a FD como definida a partir do interdiscurso. Assim:

O próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 149)

Para essa breve análise, admitiremos a noção de polêmica como defendida por Maingueneau (2008b): enquanto um efeito do interdiscurso (e.g., a relação que um suposto discurso de valorização da “baianidade” propagado pelo próprio baiano mantém com um discurso humorístico sobre a imagem do baiano, assim construído pelo Outro). Dessa forma, um enunciado dito polêmico não é caracterizado por apenas fomentar discursos reacionários, protestos, processos judiciais etc., mas também, e acima de tudo, pela remissão a “discursos implícitos” (cf. PÊCHEUX, 1975).

Esse funcionamento (constantemente presente nas discussões sobre a representação estereotípica do baiano preguiçoso) será nomeado por Maingueneau (2008b) como “*desentendimento recíproco*”, o espaço da polêmica no interior de um espaço discursivo. Com essa definição, o autor põe em discussão o modo como determinada formação discursiva (FD) nega os enunciados de outra, gerando um desentendimento de ambos os lados, como verificado

na repercussão diante do enunciado da cantora Gal Costa. Maingueneau (2008b) defende que a *interincompreensão* (o modo como os enunciados são interpretados pelo Outro) não é fruto de ambiguidades, de mal entendidos, mas de posicionamentos articulados sócio-historicamente. É a historicidade que intervém também no funcionamento das constantes “polícias discursivas” associadas ao campo do humor.

3.3 (POLÍTICA DO/NO) HUMOR E (POLÍTICA DO) LIMITE

Devo dizer que uma blague politicamente correta me parece um oxímoro.

(Ruy Zink, em “Da bondade dos estereótipos”)

O debate que acompanha os estudos sobre o humor, em torno dos seus limites, tem seu início na Antiguidade. Uma tese que pode ser observada na obra de Cícero, “*De oratore*”, através das citações às teorias do segundo livro da *Poética* de Aristóteles – obra que se perdera –, como afirmam Bremmer e Roodenburg (2000):

Citações e trechos destas e outras obras de Aristóteles e de sua escola peripatética mostram que, na discussão sobre o humor em *De oratore* (Do orador – 2.216-90), Cícero adotou esta tradição, embora, seguramente de forma indireta e transformada pelas idéias romanas. (ibid., p. 17)

Uma obra que, segundo os autores, é uma das primeiras análises sistemática sobre o humor e que será adotada séculos depois por Quintiliano. Acrescenta-se a isso o fato de Cícero articular um “vocabulário do humor”, como nos apresenta Bremmer e Roodenburg (2000):

Cícero é também uma importante fonte do vocabulário romano de humor. Embora os romanos tenham usado os vários termos sem muita coerência, é possível fazer alguma diferenciação. Por exemplo, *facetiae*, “dito espirituoso” ou “piada”, normalmente contrasta com *gravitas*, “gravidade”, “respeitabilidade” (2.262, 3.30), ao passo que o menos elegante *jocus*, que Quintiliano opõe a *serium* (6.3.21), significa “picada” e também “zombaria”. Cícero também faz distinção entre “graça do conteúdo”, contar

casos ou histórias pitorescoas, e a “graça da forma”, a criação de comentário engraçados e trocadilhos (2.244, 247). **O humor de boa qualidade conhece seus limites e evita a todo custo a imitação e as atitudes de mímicos e bufões (2.244, 247).** (BREMNER; ROODENBURG, 2000, p. 17-18, grifos nossos)

Abrem-se as discussões sobre os limites do humor, ou do que pode (ou não) se rir, ou o que é ou não risível. Uma discussão que atravessa os estudos no período da renascença e início da idade moderna. Contudo, segundo os autores, o próprio período histórico em questão determina que os limites do risível ainda estivessem centrados em advertir e aconselhar o público em relação ao humor quando destinado a determinados grupos sociais.

Castiglione também advertiu seus leitores para não fazerem troça de pessoas de boa formação. Esta já era uma verdade reconhecida por Cícero, quando ele aconselhou os colegas do senado a não caçoarem um do outro. (...) Esta preocupação com a posição do grupo não excluía, necessariamente, zombar de outros que não pertencessem ao círculo, independente do grau social de cada um. (...) Em outras palavras, onde tantos manuais de civilidade advertiam os leitores que a zombaria deveria ser inocente, “como mordidas de cordeirinho” segundo Della Casa, ridicularizar aqueles que não pertenciam ao grupo ainda pode ter sido “como mordidas de cachorros.” (BREMNER; ROODENBURG, 2000, p. 18-19)

A interdição se desloca ao longo da história do humor, sem, contudo perder as determinações de um discurso dominante: na Antiguidade, os filósofos e retóricos assumiram esse posto, no período medieval, os monges e teólogos respondiam pelo discurso institucionalizado da igreja, articulando leis (e punições) em torno do próprio ato de rir – é o momento dos “manuais de civilidade”. Na idade moderna, a interdição parece dar lugar à exploração de incipientes campos de pesquisa, como afirma Bremner e Roodenburg (2000): “Era de se esperar que nos tempos modernos psicólogos e sociólogos ficassem em **primeiro plano**, sendo o estudo de Freud o exemplo mais largamente reconhecido desta tendência.” (ibid., p. 21, grifo nosso). Com efeito, esse movimento está presente na história do humor. Contudo, a constante reflexão do homem perante os limites do humor e do risível ganha contornos em diferentes espaços discursivos. Diante disso, optamos por nos deter em alguns casos, sobretudo no espaço discursivo desenvolvido no Brasil durante o século XX.

Os pioneiros do humor (político) no Brasil têm como uma de suas principais figuras o Barão de Itararé (pseudônimo do jornalista gaúcho Aparício Torelly). Um humorista (mas também poeta, político...) que surge em meio às revoluções políticas vividas no Brasil no período Governado por Getúlio Vargas (e que tem início com a revolução de 1930), com o jornal de humor “A Manhã” dedicado representar com humor, entre outras coisas, o espaço político (e militar) da época, como apresenta Pimentel (2004):

A redação ficava na rua 13 de Maio, onde tempos depois, prisões depois e pescoções depois o Barão de Itararé fixou uma placa destinada aos policiais que freqüentemente visitavam a redação e seu responsável: ENTRE SEM BATER!

(...)

Entraram, bateram muito e ainda carregaram o Barão para o presídio da Ilha Grande, onde puxou um ano e meio de cadeia. Lá conheceu quase todos os membros do Partido Comunista e também escritor Graciliano Ramos, vindo a tornar-se depois personagem do antológico *Memórias do Cárcere*. (PIMENTEL, 2004, p.25-27)

Mais adiante, já após o golpe de estado de 1º de abril de 1964, mas precisamente em plena vigência do AI-5 (1969), surge na imprensa (e no humor) o “Pasquim”, um jornal de humor que tinha como premissa básica a independência e que tinha como o mais ilustre articulista convidado o humorista Millôr Fernandes.

No ano seguinte ao seu lançamento, o *Pasquin* já era submetido à censura prévia (vivíamos em plena ditadura militar). Seus editores e colaboradores eram obrigados a produzir um número maior de cartuns, matérias e ilustrações para substituir eventuais vetos. Originais seguiam para a censura e voltavam danificados, com enorme X feito à caneta Pilot. Neste mesmo primeiro ano de vida, em 1970, no dia 1º de novembro, os responsáveis pela editora foram apanhados e levados para a Vila Militar: Sérgio Cabral, Tarso de Castro, Ziraldo, Fortuna, Paulo Francis, Luís Carlos Maciel e Flávio Rangel. Até o retorno da tropa, alguns dias depois, os colaboradores mais próximos se encarregaram de tocar o barco, cuidando de prazos e fechamentos. O jornal não deixou de circular uma semana sequer. (PIMENTEL, 2004, p. 38)

Em suma, o que se viu no grande período de censura vivido em boa parte do século XX no Brasil foi a capacidade de resistência da imprensa especializada no humor. Cada um à sua maneira, os humoristas (quase sempre escritores, cartunistas, poetas... nem sempre jornalistas) são responsáveis pela nomeação do **humor político** no Brasil. Sob essa denominação estão as

suas condições históricas de possibilidade: a censura e repreensão determinadas que se iniciaram com Estado novo e que se prolongaram durante o período da ditadura militar (1964-1984). Anos mais tarde, com o fim da ditadura, o cenário do humor transformar-se-á.

Um fenômeno semelhante ocorrera na Alemanha do século XIX como observa Townsend (2000) e que aqui apresentaremos a partir de uma síntese feita pela própria autora:

Depois de décadas revolucionárias e de ocupação napoleônica, os monarcas da Europa dormiam mal à noite, assombrados pelo fantasma da Revolução Francesa e pelo povo que decapitava seu rei. (...) Na Alemanha isto levou aos Decretos de Carlsbad de 1819, uma série de leis rígidas elaboradas para reprimir todas as formas de dissensão política. Entre os seus argumentos mais importantes estava o da censura. (...) Uma das táticas mais bem-sucedidas que eles encontraram foi o uso do humor, que lhes permitia ocultar os significados sob a aparência de entretenimento “inocente”. Em consequência, a Alemanha criou um novo gênero de publicação: o humor popular comercial. (TOWNSEND, 2000, p. 229-230).

A autora defende a tese de que o humor popular ganhou cada vez mais espaço durante o regime repressor. Numa época de grande mudança social, destacou-se uma explosão editorial associada ao humor, “saindo das ruas e entrando nas salas de estar” (TOWNSEND, 2000, p. 225-226). E não demora em alterar a nomenclatura do “humor popular” para o “humor político”: afinal, o que se iniciou com as piadas “inocentes” e apresentações de problemas universais terminou por sublinhar os problemas sociais e de fomentar uma reflexão sobre a política na Alemanha pré-revolucionária. E acrescenta: “o humor ajudava a construir um espaço público, um campo ou arena onde poderiam ser discutidos todos os tipos de idéias, fossem elas políticas, sociais ou morais.” (ibid., p. 228). Segundo a autora, o humor será atravessado pela política, pela resistência popular:

Esse debate público era certamente difuso e quase sempre ambíguo, mas só o fato de existir era importantíssimo. (...) No fim, o humor popular pode ter feito pouco para direcionar a rudimentar consciência política dos alemães no início do século XIX, mas manteve essa consciência viva, alimentando e fortalecendo o nível geral do espírito crítico, e proporcionando muito do combustível retórico e emocional que inflamou a revolução de 1848. (TOWNSEND, 2000, p. 245).

Seja na Alemanha oitocentista, seja no Brasil do século XX, as discussões em torno do humor não se restringem à filosofia e/ou à literatura, os campos de pesquisa mais recorrentes durante a antiguidade. O que não implica a desconsideração das teses produzidas naquele período: ao contrário, os inúmeros ensaios produzidos naquela época (e que tendiam à aproximação entre riso e humor, como observamos ao longo desse capítulo) perpassaram séculos, influenciando a compreensão desse fenômeno de grande curiosidade e interesse que é o humor. Não queremos com isso dar conta da multiplicidade de conceitos e propostas de análise, nem muito menos “mover guerra às definições” (uma colocação ironicamente explorada por Pirandello (1908) em seu ensaio sobre o “humor(ismo)”: o objetivo central da investigação desse percurso histórico em torno das teorias sobre o humor se justifica na medida em que a todo momento o humor ganha um novo “rumo”, fazendo (re)surgir, sobretudo na *opinião pública*, uma novo questionamento acerca dos seus limites, sua influência e seus efeitos. Daí o interesse de partirmos em busca de sua gênese e questionarmos até que ponto certas condições particulares históricas determinam os seus limites na atualidade.

Embora de forma breve, propomos aqui a investigação desse fio discursivo com vistas a sublinhar a linha que separa (ou aproxima) o humor do político – i.e., uma política do que pode (ou não) ser dito. Dito de outra maneira, não podemos desprezar até que ponto, por exemplo, a “ordem do PC” determina a “ordem do humor”? “Basta retornar um pouco no tempo para considerarmos essa problemática: durante a década de 1980 e 1990, era comum encontrarmos personagens, como “Mussum” – um dos personagens dos chamados Trapalhões” – que se destacava por aparecer nos quadros com bebidas alcoólicas (às vezes bêbado) em um programa destinado ao público infantil. Na atualidade, esse personagem não seria “politicamente correto”: as determinações do humor, hoje, são outras. A atribuição de um humor politicamente incorreto tornou-se muito presente nas últimas décadas (e não se limita ao Brasil), na medida em que o humor tem se apresentado como um campo de recorrentes embates no espaço público e, mais recentemente, jurídico, como mostram as notícias:

(39) “*Ministério Público move ação contra quadros ‘discriminatórios’ do Pânico na Band*” (*Pragmatismopolitico.com*, 25/05/2012);

- (40) “*Rafinha Bastos é intimado a recolher DVDs por piada com APAE*” (*Terraonline.com*, 02/02/2012);
- (41) “*MP vai investigar programa da MTV que satirizou autistas*” (*Estadão*, 27/04/2011);
- (42) “*STF concede liminar que libera humor no período eleitoral*” (*Terraonline.com*, 26/08/2010);
- (43) “*A ONU condena reprodução de charges do profeta Maomé*” (*Folha.com*, 08/02/2006).

Em uma matéria da revista *Caros Amigos*, a autora, Lúcia Rodrigues, apresenta as novas táticas de repressão política através de processos jurídicos para intimidar os ativistas, que aqui resumimos pelo seguinte trecho:

Se durante os anos de chumbo, o Estado prendia, torturava e assassinava, pura e simplesmente, sem se preocupar com as consequências de seus atos, na democracia formal lança mão de recursos mais refinados para alcançar seus objetivos (...) Esse foi o verniz encontrado para revestir e encobrir as verdadeiras intenções da criminalização dos movimentos sociais.

(“Brasil: as novas táticas da repressão política”. **Caros Amigos**, São Paulo, 2011)

Apesar de tratar-se de temáticas distintas, é possível afirmar que esse procedimento também já vem sendo adotado em relação ao humor. Parece-nos que se trata de uma alternativa encontrada para diferenciar o “humor” da “injúria” – este último, respaldado por leis. Assim como no caso da matéria da *Caros Amigos*, nos últimos anos já não são incomuns as matérias que relatam processos impetrados contra humoristas e suas “piadas”⁴¹. Daí o interesse de dedicarmos a uma breve análise do fio discursivo em torno das discussões sobre o humor, de modo a questionarmos até que ponto certas condições particulares históricas determinam os seus limites na atualidade. Limites frequentemente interpretados na fala pública como uma paráfrase do PC.

Segundo Soares (1998, p. 234), o PC abrange os temas da “negociação das diferenças”. E acrescenta:

⁴¹ Como vimos na introdução, recentemente o ministério público moveu ação contra quadros do programa “Panico na TV”, que foi noticiada pelo site “pragmatismopolitico.com.br”, em que fica sublinhada a seguinte manchete: “*Ministério Público move ação contra quadros ‘discriminatórios’ do Pânico na Band*”.

Politicamente correto não é uma coisa, uma substância, uma gramática autoritária e rígida, passível de descrição abstrata, ou uma nova ética. É o nome vago e controverso de um processo aberto, em construção, tenso e incerto, que funciona como uma gravitação sociológica, impelindo os indivíduos a constantes negociações e renegociações de sentidos e valores. (SOARES, 1998, p. 235).

Em outras palavras, o PC pode ser interpretado como o produto de uma tentativa de “abafar” as *diferenças sociais* frequentemente exploradas no campo do humor (e.g., as representações de cor, “raça”, credo, sexualidade etc.), na medida em que, apesar de observarmos as tentativas de por fim à *desigualdade social*, ainda não sabemos como agir diante das diferenças. Diante disso, seria possível defender que o PC inscreve uma ilusão da neutralidade? É algo que merece atenção.

Ainda segundo Soares (1998), é necessário por em circulação aquilo que vem sendo chamado de PC com o objetivo de estimular "um debate democrático que a sociedade brasileira tem procurado evitar." (SOARES, 1998, p.234). E acrescenta: "O humor mais correto, politicamente, é aquele em que não há restrições à fala, mas sofisticação na escuta" (SOARES, 1998, p.234). Ora, se as piadas, por exemplo, transgridem os princípios e códigos sociais, em um determinado momento histórico, não seria a “escuta” mencionada pelo autor a contradição que constitui o real do humor: a transgressão e a interdição caminhariam juntas?

Acrescenta-se a isso, o posicionamento de Kupermann (2003, p. 152): “o prazer proporcionado pela transgressão realizada pela piada é, sobretudo, um prazer coletivo, um *prazer político* (...)”. Diante disso, é inevitável não formulamos os seguintes questionamentos: em linhas distintas, na medida em que o PC tenta (uma vez que falha) funcionar como uma regulamentação do humor, é possível defender que há um desejo sobre esse ato de policiar/normatizar o que pode e deve ser dito?

Afinal, seria o humor, como observa Saliba (2002): “uma forma de representação privilegiada da história das sociedades”? É possível falarmos em “riso ético” ou “humor politicamente correto”? É possível afirmar que as piadas sobre baiano são uma forma de funcionamento e circulação do preconceito? Não nos deteremos aqui sobre este ponto. Porém, é importante sublinhar que são questões que merecem ser discutidas em trabalhos futuros,

sobretudo pelo grande número de textos que incomodam⁴² a sociedade na atualidade em relação ao humor/preconceito. Pontos esses que transitaram ao longo de toda a nossa análise e que merecerão a nossa atenção em outros trabalhos.

⁴² Aqui retomo o posicionamento de Courtine, em *Metamorfoses do discurso político*, em relação aos objetos empíricos de interesse da Análise do Discurso: “É preciso encontrar textos que incomodem” (COURTINE, 2009, p. 27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*L'humour est une forme plaisant de la prière**
(Daniel Sibony, em “Bribes de rire et d’humour”)

Afirmamos que o discurso humorístico nas piadas que propomos analisar utiliza a figura do baiano a partir da representação estereotípica da preguiça (sobretudo a partir da observação de que se trata do simulacro da lentidão). Observamos também que o estereótipo nem sempre deve ser reduzido a um preconceito. De uma forma simplista, podemos afirmar que o estereótipo corresponde a uma tentativa de identificação de determinado grupo social – não necessariamente assumida por esse grupo, como alerta Possenti (2004). No caso das piadas de gaúcho, por exemplo, Possenti (2004) observa que o estereótipo do gaúcho gay corresponde ao rebaixamento do imaginário que associa a macheza e virilidade ao gaúcho. Nessas piadas o simulacro operaria com uma releitura dessa identificação: o “estereótipo primeiro” (a virilidade do gaúcho) é traduzido na forma de simulacro (o gaúcho veado).

Defendemos que, no caso das piadas sobre baiano, a associação do baiano com a preguiça seria traduzida também na forma de um simulacro (a lentidão) – um funcionamento que é atravessado frequentemente pela questão do trabalho. Nesse caso, diferentemente do caso do estereótipo explorado nas piadas do gaúcho, não há, em um primeiro momento, a confrontação do [estereótipo positivo vs estereótipo negativo]: em relação à representação do baiano, tanto a preguiça quanto o seu simulacro, à lentidão, são “negativos”, uma vez que ambos são modos de rebaixamento e promoção do humor nas piadas, como vimos em Freud (2006 [1905]). Por outro lado, sabendo que as piadas operam com o rebaixamento, e observando o desenvolvimento das análises que propomos, compreendemos que o estereótipo da preguiça do baiano é atravessado, em algumas piadas, por uma representação positiva difundida e defendida pelos próprios baianos e que, por sua vez, opõe-se à representação mais comum encontrada nas piadas. Mas qual seria esse “estereótipo positivo”?

^{43*} *O humor é uma forma lúdica de reza.*

Defendemos inicialmente que o estereótipo da preguiça é construído historicamente pela oposição ao imaginário coletivo que representa outras identidades (i.e., grupos do sul e sudeste do Brasil) como trabalhadoras, sobretudo por serem reconhecidas historicamente como alavancas de desenvolvimento do país. É o caso dessa piada (sobre Pernambuco/Pernambucano?) em que São Paulo e os paulistas são retratados a partir do estereótipo que temos comentado:

(44) QUAL É O MELHOR ESTADO BRASILEIRO?

Cinco amigos de Estados diferentes estão tomando cerveja em um bar e inicia-se uma discussão interminável de qual seria o melhor estado do Brasil.

O Carioca logo saiu dizendo:

- Não há dúvida, o Rio é o melhor: tem a cidade mais bela do mundo, o povo mais alegre, muito sol, futebol, blá, blá, blá ...

O Paulista, engasgado disse:

- Não! **São Paulo é a usina que movimenta o Brasil, tem a maior metrópole da América Latina, o povo mais trabalhador**, blá, blá, blá ...

O mineiro disse:

- Minas sô, não tem praia, mas tá perto, tem a melhor culinária, a melhor cachaça, blá, blá, blá ...

Depois o Capixaba:

- O melhor é o Espírito Santo: tem praia, tem petróleo, blá, blá, blá ...

Como o Pernambucano não se manifestou, eles perguntaram:

- E aí, Pernambuco por que está tão quieto, qual é a tua opinião?

O Pernambucano finalmente respondeu:

- Pra mim é a Bahia o melhor estado.

- Ué, Pernambuco, não vai defender o teu estado? Por que Bahia?

- Porque é a Bahia que separa Pernambuco de toda essa merda!

(Disponível em: < <http://outraroberta.wordpress.com/category/nao-categorizado/page/62/>>)

Não nos interessa analisar o funcionamento dessa piada neste momento: o importante aqui é sublinhar que a representação do paulista trabalhador está presente não apenas em piadas sobre

baiano – uma observação que parece óbvia, mas que até então não havíamos demonstrado. Assim como há uma regularidade estereotípica em piadas em relação ao baiano, ao gaúcho, ao mineiro etc. – cada uma operando a partir de diferentes condições de produção –, é possível asseverar que a representação do paulista é regularmente caracterizada pela ênfase ao trabalho, assim enaltecida na relação com os demais brasileiros. Interessa-nos sublinhar que a representação do baiano, nas piadas sobre baiano, seria atribuída pelo seu outro, este caracterizado como trabalhador, justamente o paulista.

Ao defender esse ponto de vista, consideramos as contradições históricas associadas às outras regiões do Brasil em relação ao estado de São Paulo, sobretudo ao território baiano: ao passo que cresciam os centros urbanos na região sudeste do país, a Bahia, que já apresentava deficiências estruturais e econômicas desde a mudança de capital para o Rio de Janeiro ainda no século XVIII, apresentará um índice de migrações em massa em meados do século XX. Com isso, observaremos um terreno promissor para a formulação de uma representação positiva dos baianos a partir da relação interdiscursiva com o estereótipo da preguiça. Em outras palavras, assim como é defensável afirmar que o estereótipo da preguiça é associado aos baianos nas piadas está centrado no próprio modo como o baiano foi (e continua sendo) representado pelos próprios baianos (seja através da publicidade seja através da literatura encabeçada por Jorge Amado), é possível asseverar que o estereótipo do baiano preguiçoso é formulado também em contraposição ao estereótipo (também formulado e difundido em território baiano) do baiano trabalhador (e alegre) que enfrenta as adversidades e dificuldades estruturais e financeiras vivenciadas em seu território – sobretudo (mais não apenas!) as regiões do interior do estado – frequentemente retratadas na literatura e na música, como observamos na canção de Jorge Portugal e Roberto Mendes já trabalhada ano capítulo 2.

*Gente que tira alegria da dor
No baticum do batente
Todas as cores de gente
Contas de todos os guias
Uma nação diferente
Toda prosa e poesia
Tudo isso finalmente só se vê
Só se vê na Bahia*

(Música de Jorge Portugal e Roberto Mendes, “Só se vê na Bahia”, 1999)

Em suma, defendemos que o estereótipo do baiano preguiçoso é atravessado por um estereótipo oposto (que não comparece nas piadas!), pouco difundido no território nacional, mas bastante defendido no território baiano, e que, talvez, seja o motivo dos embates e discussões encontradas no ambiente virtual.

Há, ainda, um ponto a examinar: ao lado da representação estereotípica da preguiça, observamos também uma “nova representação” centrada na oposição a outro modo incomum – apenas encontramos uma ocorrência – de representação em piadas sobre baiano: a imagem do baiano esperto construída a partir da relação com a inveja do seu outro – novamente o paulista.

A inveja do paulista observada na piada que analisamos na seção 1.3.3 pode ser caracterizada como um tipo de piada de resistência ao estereótipo – uma manifestação pontual que tenta ressignificar o imaginário coletivo. Encarar essas piadas como *piadas de resistência*, porém, implica investigar o modo como essa representação circula nesse material. Talvez por isso seja justo dizer que essa proposta não se sustentaria, na medida em que o estereótipo do baiano esperto em contraposição à representação do paulista invejoso só se realiza pontualmente – o que não impede que essa realização fomente outras, e, portanto, permita a defesa de outro posicionamento diante dessas piadas. Com efeito, trata-se de outra condição de produção, aparentemente reacionária às representações mais frequentes do baiano em piadas. A esse respeito, a nosso ver, trata-se de um desdobramento da relação que o estereótipo da preguiça mantém com o trabalho.

Abordar a questão das condições de produção ao longo das piadas permite-nos propor um posicionamento capaz de descrever o funcionamento interdiscursivo responsável tanto pelo humor quanto pelas discussões acirradas em torno da relação humor/preconceito. Se retornarmos o percurso analítico, é possível observar que o estereótipo central atribuído ao baiano nas piadas (i.e., o baiano preguiçoso) é revisto e atravessado por outros dizeres associados a diferentes condições de produção que resumimos da seguinte maneira:

- o baiano é lento, moroso (e seu simulacro, o baiano é preguiçoso);
- o baiano é esperto (estereótipo possibilitado pela inveja do outro).

Isso evidentemente não dá conta das outras representações encontradas ao longo da análise: as representações acima também são atravessadas por outras não aparentemente realizadas nas piadas, porém determinantes para os efeitos de sentido do preconceito frequentemente interpretados a partir da leitura dessas piadas. Podemos propor, então, o funcionamento de outras representações:

- o baiano é trabalhador (uma representação “dita em outro lugar”, isto é, retomada historicamente e que se opõe ao estereótipo da preguiça);
- o baiano é ignorante (uma representação pontual e aparentemente não dita nas piadas, mas que as atravessa no momento em que colocamos algumas dessas piadas em relação com outros textos que veiculam esse posicionamento).

Com isso, sublinhamos não apenas o fato de que as piadas sobre baiano não veiculam o mesmo discurso, mas, o fato de que o seu funcionamento é possibilitado por diferentes determinações históricas, bem como por diferentes relações interdiscursivas. Afinal, qual(is) a(s) condições históricas que possibilitam que o baiano seja também representado como esperto? Não se pode afirmar que essa representação remeta às mesmas condições históricas de produção do discurso da preguiça.

Finalmente, não basta sublinhar que as determinações históricas são fundamentais para compreendermos o modo como a representação da preguiça funciona como nó central e, ao mesmo tempo, sustentação para o aparecimento de outros estereótipos e, por sua vez, de discussões em torno dos limites do seu uso nos textos humorísticos: as piadas (não apenas as piadas sobre baiano) é fundamentalmente um espaço de confronto entre o discurso lúdico e o discurso polêmico. Um espaço que sublinha a relevância analítica desse material. É o aparente não dito sobre o baiano nas piadas (mas facilmente retomado pelo interdiscurso) que nos permite afirmar a presença de uma contradição que funciona como o mote de discussões em torno da existência do preconceito: afinal, é o baiano que se diz trabalhador (em discursos externos às piadas) que é representado como preguiçoso, assim como é o seu outro que se diz trabalhador

(sobretudo o brasileiro do sul e sudeste do país) que constrói uma possível representação do baiano esperto nas piadas. Como sublinha Possenti (2010):

Em outras palavras: deveria ser evidente que os estereótipos são construtos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como o(s) Outro(s) para algum grupo. Mas, eventualmente, essa relação interdiscursiva é ofuscada ou apagada – quando o confronto não aparece na própria piada –, e o efeito é a impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção, ou, pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com uma alteridade (POSSENTI, 2010, p.41).

Dito de outra maneira, não há a possibilidade de defender que o efeito humorístico nas piadas limita o confronto, a leitura do preconceito: o que está aparentemente apagado tem o primado sobre o discurso que pretende ser apenas humorístico.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R.; HERSCHBERG PIERROT, A. **Estereotipos y clichés**. Editora Universitária de Buenos Aires, 2001

ATARDE ON LINE. Gal Costa deixa twitter após chamar baianos de preguiçosos. **A Tarde**, Salvador, 2011. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/noticias/5676045>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

BERGSON, H. **O riso – ensaio sobre o significado do cômico**. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2007 [1899].

BREMMER, J; ROODENBURG, H. Introdução: humor e história. In: _____. **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BREWER, D. Livros de piada em prosa predominantes na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII. In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Orgs.) **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EduFSCAR, 2009.

DAUROIZ, A. Ó, paí, ó: Baianidade dá ibope. **Estadão**, São Paulo, 07 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,o-pai-o-baianidade-da-ibope,462476,0.Htm>>. Acesso em: 28 abr. 2011.

FRANCHI, G.M. **Os homens preferem as (piadas de) loiras**: análise interdiscursiva de piadas de loira e de piadas feministas. (Dissertação de mestrado vinculada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas) Campinas, SP: [s.n.], 2010.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006 [1905].

GUERREIRO, G. **A cidade imaginada**: Salvador sob o olhar do turismo. In: Revista Gestão e Planejamento. Salvador: ano 6, n. 11, jan/jun, 2005. p. 06-22.

GUIMARÃES, A.S.A. **O preconceito contra os baianos**. Comunicação ao Congresso Internacional da Latin American Studies Association (LASA), *Session: Lo afro em America latina: debates sobre cultura, política y poder*. Miami, março de 2000. Acesso em: 19 jan. 2012. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2000/zGuimaraes.PDF>>.

GEIER, M. Um problema gaiato. O que os filósofos descobriram em mais de 2 mil anos sobre as causas do riso. In: _____. **Do que riem as pessoas inteligentes?** Uma pequena filosofia do humor. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. **A semântica e o corte Saussuriano:** língua, linguagem, discurso. 2007 [1971]. Revista eletrônica *Linguasagem*. Edição 03. Acesso em: 10 jan. 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php>.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso.** Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1992.

KUPERMANN, D. **Ousar rir:** humor, criação e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LE GOFF, J. O riso na Idade Média. In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Orgs.) **Uma história cultural do humor.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

MACEDO, J. R. **Riso, cultura e sociedade na idade média.** Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Editora Unesp, 2000.

MAINGUENAU, D. **Cenas da enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. **Gêneses do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. Situação de enunciação – situação de enunciação e cena de enunciação em análise do discurso. In: _____. **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Análise de texto de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2011.

MARIANO, A. **A invenção da baianidade.** São Paulo: Annablume, 2009.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOURA, M. **Identidades:** construção de identidades, identidade local, regional, nacional, baianidade, brasilidade, identidade e militância. In: RUBIM, A. *Cultura e Atualidade.* Salvador: EDUFBA, 2005, p. 77-92.

OLIVEIRA, F. **O elo perdido.** Classe e identidade de classe. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2006 [1988].

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1969].

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1975].

PINHO, O. **A Bahia no fundamental: notas para uma interpretação do discurso ideológico d a baianidade**. In: Rev. bras. Ci. Soc. [online]. Feb. 1998, vol.13, n.36. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2011.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise linguística de piadas**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.

_____. Estereótipos e identidade: o caso nas piadas. In: _____. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba/PR: Criar Edições, 2004.

_____. Ler uma piada. In: _____. **Humor, Língua e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PIMENTEL, L. **Entre sem bater!:** o humor na imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **Piadas de sacanear baiano**. Rio de Janeiro: Myrrha, 2009.

PIRANDELLO, L. **O humorismo**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Experimento, 1996 [1908].

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht: D. Reidel, 1985.

RISÉRIO, A. Bahia com “H” – uma leitura da cultura baiana. In: J. J. Reis (Org.). **Escravidão e invenção da liberdade**. São Paulo, SP; Rio de Janeiro, RJ: Brasiliense: CNPq, 1988.

_____. **Uma historia da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro, RJ: Versal, 2004.

RODRIGUES, L. Brasil: as novas táticas da repressão política. **Caros Amigos**, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.avozdoporto.com/?p=251>>. Acesso em: 21 jun 2012.

RUBIN, A. Viver Bahia: convivência e televivência. In: **Bahia: Análise & Dados**. Salvador: Centro de Estatística e Informação, 1988, v. 8 [n.1], p. 61-69.

SÁ, X. “Globo faz baianidade cansada de guerra”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2012, Folha Ilustrada, p. E6.

SALIBA, E. T. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SKINNER, Q. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

SOARES, L. E. **Politicamente correto**: o processo civilizador segue seu curso. In: PINTO, P.R; MAGRO, C. et al. (Orgs.). Filosofia analítica, pragmatismo e ciência. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

TOWNSEND, M. L. O humor e a esfera pública na Alemanha do século XIX. In: BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Orgs.) **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TAVARES, L.H.D. **História da Bahia**. 11ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Editora da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008 [1959].

ZANLORENZI, E. **O Mito da preguiça baiana**. (Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). São Paulo, 1998.